



CIÊNCIA

Físico propõe critério para identificar lideranças

(Pág. 5)

CULINÁRIA PAULISTA

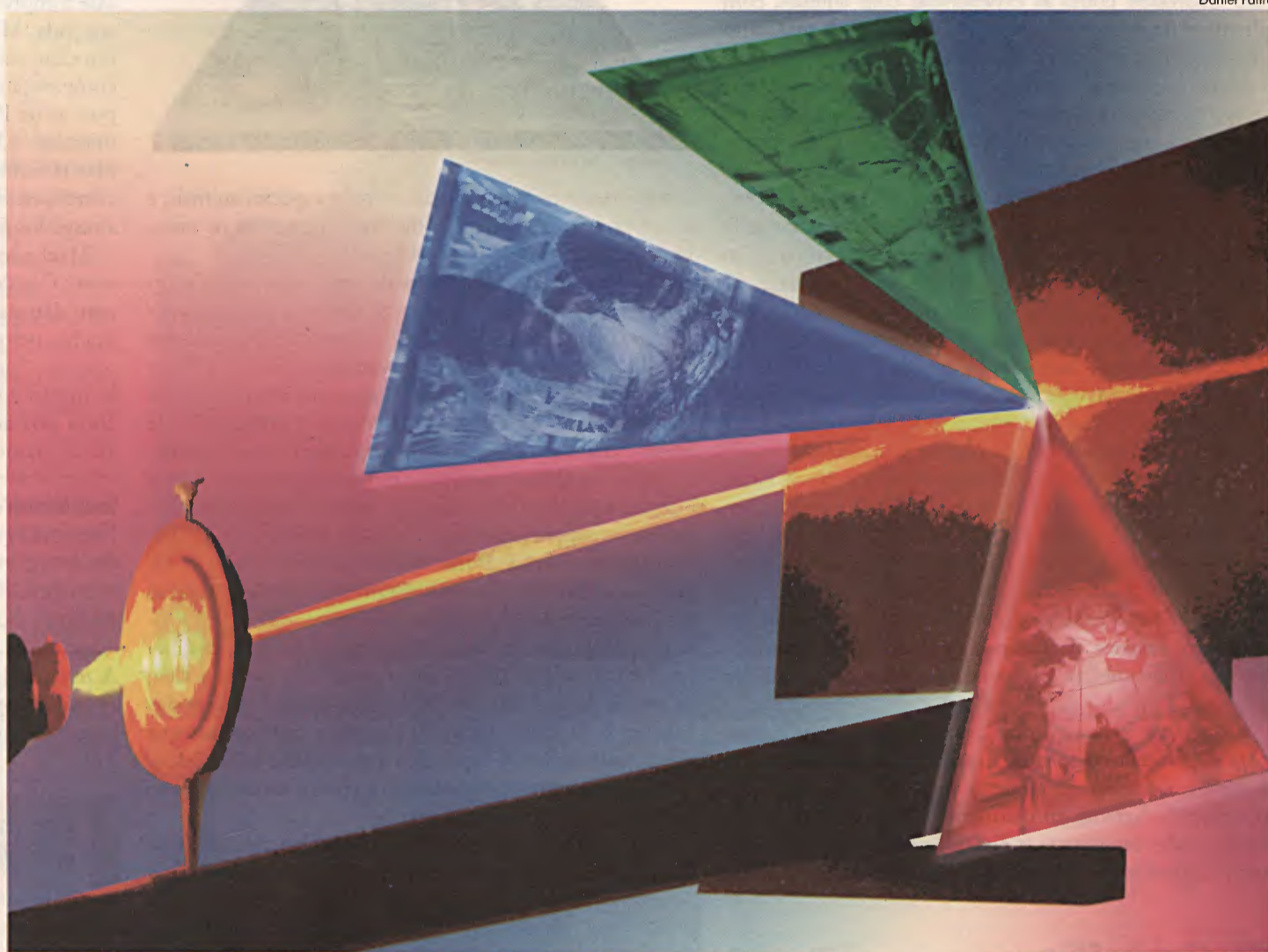
Livro recupera receitas tradicionais

(Pág. 13)

BARROCO

Docente mapeia 80 igrejas do país

(Pág. 16)



Daniel Patire

Transferência de conhecimento

Universidade desenvolve pesquisas que geram impacto local, regional e nacional em melhoramento genético, projetos ambientais, instalação de incubadoras, implantação de políticas públicas e participação em parques tecnológicos (Págs. 8 e 9)



Economistas debatem estratégias



Daniel Patire

São Vicente faz plano de manejo de parque estadual na Baixada Santista

(Pág. 3)

Machado de Assis e as experiências com animais

Sonia Marrach

Obra de Machado de Assis constitui rica fonte de conhecimentos humanos profundos. À frente de seu tempo, o mestre aborda problemas ainda não resolvidos, como as experiências com animais, com alto nível de elaboração estética. É o que ocorre no Conto Alexandrino, ambientado no longínquo Egito, o Oriente – lugar do outro, marcado pelo despotismo – onde dois cientistas fazem experiências com ratos, cães e homens. Mas o que o gênio de Machado aborda é o cientificismo positivista, muito em voga na Europa Ocidental e no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, e que persiste em nossos dias como uma prática considerada “natural” nas universidades. Porém, tratada como um mito da razão fria pela ironia corrosiva de Machado, que focaliza os perigos que rondam a razão dissociada da sensibilidade.

O escritor desnuda as faces mais obscuras da metódica “clareza científica”, desvelando os aspectos mais recônditos da razão instrumental, evidenciando o sadismo, que explica “A causa secreta”, que move os homens a fazer experiências com animais, com grande atualidade.

No Conto Alexandrino, dois cientistas, Stroibus e Pítias, têm uma idéia genial: “o sangue de rato, dado a beber a um homem” pode “fazer do homem um ratoneiro”, sob uma condição essencial: “o rato deve expirar debaixo do escalpelo, para que o sangue traga o seu princípio”. Os cientistas têm uma nobre doutrina, cujo objetivo é “reconstruir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes”, um ofício tão sublime como o dos deuses com verdades imortais.

Com estas idéias, os dois cientistas de Chipre foram para Alexandria, onde a terra era grave, “pensativa como a esfinge, circunspecta como as múmias e dura como as pirâmides”. Acreditavam firmemente que a ciência tem necessidades imperiosas e, considerando a superioridade humana, precisavam saber se o princípio das virtudes e



Monograma, Robert Rauschenberg

das paixões estava distribuído entre as espécies animais; e se era possível transmiti-lo. Stroibus engaiolava os ratos. Depois, sujeitava um a um ao ferro.

“Às vezes, por divergências de apreciação, eram obrigados a escalar maior número de ratos do que o necessário; mas não perdiam com isso, porque o sangue dos excedentes era conservado e ingerido depois. [...] Pítias observava que a retina do rato agonizante mudava de cor até chegar ao azul-claro, ao passo que a observação de Stroibus dava a cor de canela como o tom final da morte. Estavam na última operação do dia; mas o ponto valia a pena, e, não obstante o cansaço, fizeram sucessivamente dezenove experiências sem resultado definitivo.”

Stroibus venceu, Pítias roubou-lhe três idéias e ele próprio, uma teoria. Os dois foram presos. Mas interveio Herófilo, inventor da anatomia. “Senhor, disse ele a Ptolomeu, tenho-me limitado até agora a escalar cadáveres. Mas o cadáver dá-me a estrutura, não me dá a vida; dá-me os órgãos, não me dá as funções. Eu preciso das funções e da vida.” Herófilo precisava estirpar homens vivos, prisioneiros, e explicou a legitimidade de sua idéia. “A ciência é imortal; ela vale não só todos os ratos, como todos os delinqüentes do universo.”

Os criminosos não imaginavam o destino científico que os esperava. Só quando os cientistas delimitavam o objeto

do estudo do dia e davam os primeiros talhos com ferro, é que os coitados entendiam a situação. Os que haviam visto experiências com ratos padeciam mais, porque a imaginação unia a dor presente ao “espetáculo passado”.

Stroibus foi o primeiro a servir à ciência. Ao entrar na sala compreendeu tudo e rogou ao cientista que poupasse sua vida. Mas Herófilo mostrou-lhe que a obrigação de um cientista é servir à ciência e que “o corpo é nada em comparação com o entendimento”. Suas mãos, como depois as de Pítias, foram cuidadosamente rasgadas e examinadas. “Os infelizes berravam, choravam, suplicavam.” Mas Herófilo calmamente dizia-lhes que “para os fins da ciência, eles valiam ainda mais que os ratos” e “continuou a rasgá-los fibra por fibra, durante oito dias”.

Machado de Assis conclui o conto com chave de ouro: Contam os alexandrinos que os ratos festejavam com danças e convidaram cães e outros animais ameaçados pelo destino científico. Mas nenhum aceitou o convite, “por sugestão de um cachorro, que lhes disse melancolicamente: – ‘Século virá em que a mesma coisa nos aconteça’. Ao que retorquiu um rato: ‘Mas até lá, riamos!’”

Sonia Marrach é professora de História da Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília, e organizadora do caderno de pesquisa *Homens e animais na literatura: para uma educação da sensibilidade* (soniamarrach@linkway.com.br)

A íntegra deste artigo está no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/machado_marrach.php

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal Unesp.

Pedagogia econômico-sexual para educadores

Sara Quenzer Matthiesen

B rincar de médico; entusiasmar-se com as diferenças anatômicas mais pueris; espiar pela fechadura... enfim: ter algo que o outro não tem; ver algo que não pode ser visto; fazer algo que não se deve! Quantos não são os desafios, perguntas e descobertas acerca da sexualidade que têm início na infância e surpreendem os adultos pela vida afora!

Como obter as respostas? Escondidos num canto lendo um livro proibido; ouvindo conversas dos adultos atrás da porta; estando atentos às indicações de um amigo – ou amiga, quem sabe, mais experiente... Quantas não são as possibilidades de descoberta e exercício da sexualidade, quase sempre vetadas por um isso não pode; isso não se deve fazer! [...]

Os resultados? Professores despreparados para assumirem essa tarefa vêm sua moral sexual abalada ao se depararem com situações para as quais não têm respostas ou, muito menos, ações compatíveis. É o menino que exhibe seu membro durante o recreio; é a menina que engravida aos 13 anos de idade; são os adolescentes ficando juntos cada vez mais cedo... Os resultados? Medidas disciplinares restritivas que, cada vez mais, fazem do exercício da sexualidade algo pertencente ao futuro e, portanto, parte de um vir a ser adulto. [...]

Muito bem, o que fazer então? Embora isso aflija mais a alguns educadores do que a outros, é fato que nenhum deles escapa de cenas como essas, embora muitos achem que o melhor a fazer é vista grossa a várias dessas situações, simplesmente por não saberem como agir. Pois, então, vamos ao que nos interessa, ou melhor, a quem nos interessa. Vamos a Reich, afinal esse autor nos ajudará a descobrir e a interpretar coisas antes impensadas por nós educadores, certamente, com seriedade e coerência.

Wilhelm Reich... quem foi esse nobre desconhecido? O que ele tem a dizer a nós educadores? Enfim, quais suas contribuições para a educação contemporânea? Ainda que praticamente desconhecido pelos educadores, Reich nos brinda com inúmeros conceitos passíveis de

A doce cativa, Rebecca Horn



reflexão – e, por que não, aplicação – no campo educacional, motivo pelo qual merece ser lido e investigado.

Seus ensinamentos acerca de uma possível “pedagogia econômico-sexual” certamente ajudariam os educadores a conhecerem as especificidades do movimento da energia sexual, levando-os a compreender as manifestações infantis tantas vezes incompreendidas. Afinal, mantê-las saudáveis e, portanto, livres da estase energética, evitando que um encorajamento inicial se torne crônico, é uma das principais contribuições que nós educadores poderíamos prestar às crianças, ensinou-nos Reich. [...]

Ao contrário disso, a postura de muitos educadores é, ainda, tão ameaçadora quanto o fora na infância de nossos pais e avós. A tensão gerada em sala de aula, palco da cronificação de encorajamentos, restringe, mais e mais, o espaço de expressão dos alunos. E qual é a expressão emocional que Reich nos auxilia a identificar? A de corpos contraídos, imobilizados, voltados para dentro de si. As crianças nem ao menos respiram e, por isso, cada vez mais, sentem menos.

Reforçando o que nos ensina Reich, uma situação como essa refletirá num encolhimento biopático, que faz com que a criança se torne contraída como um todo: seu corpo, suas ações, seu pensamento, sua sexualidade. Logo, as conseqüências do não-movimento não se restringem, apenas, à mobilidade ou não no espaço físico. Segundo os ensinamentos reichianos, vão muito além do

que qualquer educador possa imaginar: refletem-se – negativamente – nas emoções, expressões, capacidade criativa e sentimentos da criança. [...]

Pautados nos pressupostos de uma “pedagogia econômico-sexual”, arriscaríamos dizer que o educador deve dar espaço às manifestações naturais da criança; deve respeitá-la, ao mesmo tempo em que se respeita e deve ser respeitado; deve intervir, mas com prudência, ciente das conseqüências de sua ação, ao mesmo tempo em que deve ser paciente, para que os movimentos e falas infantis que sinalizam que são crianças o impeçam de torná-las adultas antes do tempo.

Talvez, todas essas recomendações estejam a meio passo de atingir o grau adequado entre as frustrações e as satisfações pulsionais sinalizadas por Reich tantos anos antes, com vistas ao pretensão êxito educacional. Trata-se, entretanto, de um desafio diário por parte dos educadores: colocar em prática os princípios norteadores da economia sexual, colhendo os frutos dessa ação em prol de uma educação afirmativa da vida.

Sara Quenzer Matthiesen tem graduação em Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo pela Unesp, mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP e doutorado em Educação pela Unesp. É docente do Instituto de Biociências da Unesp, câmpus de Rio Claro.

Este artigo faz parte do livro *Wilhelm Reich: por uma educação afirmativa da vida* (título provisório), a ser publicado pela Editora Vozes. A íntegra está no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/reich_matthiesen.php

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal Unesp.

Excepcionalmente, não publicamos neste edição o Editorial.

Universidade realiza plano de manejo

Câmpus do Litoral atua no Parque Estadual Xixová-Japuí, situado entre São Vicente e Praia Grande

Professores do Câmpus do Litoral Paulista (CLP) vão realizar estudos do meio físico, da biodiversidade e das interferências da ação humana no Parque Estadual Xixová-Japuí. As pesquisas foram contratadas pela Fundação Florestal, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, para revisar e complementar o plano de manejo do parque, que servirá para administrar problemas como o extrativismo de plantas ornamentais, pesca, turismo predatório e falta de regulamentação fundiária.

O plano de manejo do parque começou a ser elaborado em 1998. Os professores também vão adequar o trabalho a normas estabelecidas após a lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, em 2000, segundo Rogério Hartung Toppa, docente de Gerenciamento Ambiental do CLP e coordenador técnico para ambiente terrestre do projeto (*leia texto nesta página*).

Toppa e o coordenador técnico para ambiente aquático, Denis Moledo Abessa, professor de Ecotoxicologia, formaram uma equipe de especialistas do CLP, da USP e dos Institutos Florestal, Butantã e de Pesca. Alunos e ex-alunos do câmpus participam como colaboradores.

Reunião – No dia 4 de fevereiro, ocorreu a primeira reunião de trabalho da equipe de especialistas com o Grupo Técnico de Coordenação, formado por Toppa, Abessa, pela coordenadora executiva Cláudia Nagako Shida e pela bióloga Lélia Marino, ambas da Fundação. Durante o encontro, realizado no câmpus, a coordenação definiu a conclusão do Plano de Manejo para setembro deste ano.

O prazo para a realização dos estudos é muito curto. “Os resultados devem ser entregues em maio, para que possam ser feitas oficinas e consultas públicas, e finalizar todo o processo com a entrega de um documento, em setembro”, diz Lélia. A conclusão do plano está sendo exigida pelo Ministério Público Estadual. Em 1996, a promotoria moveu uma Ação Civil Pública contra o Estado, exigindo também a demarcação de limites do parque e a sua fiscalização, que já foram cumpridas.

“Devido ao pouco tempo para o levantamento, não teremos algumas informações referentes às mudanças ocasionadas pelas diferentes estações do ano”, salienta Cláudia, que é bióloga e atua no Núcleo de Planos de Manejo da Fundação. “Contudo, o Plano é só o início de uma gestão, e deve ser constantemente atualizado.”

O parque – Criado pelo Decreto Estadual nº 37.536, de 27 de setembro de 1993, o Parque Estadual Xixová-Japuí possui 901 hectares e caracteriza-se por ser uma área natural fragmentada, intermunicipal. Ele está dividido entre os municípios de São Vicente e de Praia Grande, localizados na Região Metropolitana da Baixada Santista, no litoral de São Paulo. E cerca de 301 hectares, ou seja, um terço da área total, compreendem uma faixa marítima.

A área do parque é considerada um dos mais bem preservados fragmentos de Mata Atlântica do litoral paulista, englobando uma série de ecossistemas, como matas de encostas, restingas, costões rochosos e praias arenosas. Além das aves migratórias que a usam para pouso, sua área já registrou outras 142 espécies de aves. Pelo menos 15 delas são restritas às praias — como garças, batuíras, gaivotas e trinta-réis — e duas são ameaçadas de extinção, o gavião-pombo-pequeno (*Leucopternis lacernulatus*) e a saíra (*Tangara peruviana*).

“Este é um dos primeiros parques de São Paulo com ambiente marinho e terrestre. E isto nos traz um desafio a mais, pois estaremos entre os primeiros no levantamento da interação desses ambientes”, salienta Abessa. O contrato de prestação de serviços foi firmado em 9 de dezembro de 2008 entre a Universidade, por meio da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), e a Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, mais conhecida como Fundação Florestal.

Daniel Patire



Com 901 hectares, parque abriga 142 espécies de aves e é um dos mais bem preservados fragmentos de Mata Atlântica do litoral paulista



Porque: interação de distintos ambientes



Tappo: coordenador técnico para ambiente terrestre do projeto

Ferramenta para a preservação

Definido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o plano de manejo é um documento técnico, que, baseado nos objetivos de cada Unidade de Conservação, estabelece o zoneamento e normas para o uso da área e o manejo dos recursos naturais, e até a implantação das estruturas físicas necessárias para a gestão da unidade.

Um dos instrumentos mais importantes do plano, para o professor Denis Moledo Abessa, é a definição de zona de amortecimento, que abrange uma faixa de 10 km no entorno da UC. O

documento deve definir uma série de restrições às atividades humanas que impactam a preservação de espécies e ecossistemas.

O plano também deve prever o envolvimento da sociedade por meio de oficinas de planejamento. Sua estrutura prevê ações no entorno das unidades, visando a cooperação das populações vizinhas e a melhoria da sua qualidade de vida. “Um bom plano de manejo deve valorizar as comunidades do entorno, e até servir para seu desenvolvimento sustentável”, ressalta Toppa.

(DP)

AS LEIS

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) foi estabelecido em 18 de julho de 2000, quando a Lei nº 9.985 foi sancionada. O sistema passou a estabelecer critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

Entre suas definições, no artigo 8º, a categoria Parque é classificada como Unidade de Proteção Integral, em que a manutenção dos ecossistemas

está livre de alterações causadas por interferência humana. No artigo 11º, essa categoria tem como objetivo básico “a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”. (DP)



Publicações discriminam terceira idade

Jornalista de Bauru analisa a postura da imprensa em relação ao idoso

Verificar as possibilidades de inclusão social do idoso por intermédio dos meios de comunicação e conscientizar os estudantes de jornalismo no Brasil sobre o envelhecimento demográfico atual foram os objetivos da pesquisa *A visibilidade do idoso nos meios de comunicação*. O estudo de pós-doutorado do jornalista Pedro Celso Campos, docente do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, foi realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Sevilha, Espanha.

“Enfatizei o modelo da Espanha, pois, conforme dados da ONU (Organização das Nações Unidas), esse país terá o maior número de idosos do mundo até meados do século XXI, quando haverá cerca de 2 bilhões de pessoas com mais de 70 anos no planeta”, explica o docente.

Temas de discussão – A iniciativa surgiu após Celso ler diversos acessos a textos discriminatórios por parte de algumas mídias nacionais em relação aos idosos. “Perante as atitudes de alguns jornalistas e meios de comunicação, concluí que a única esperança de mudança é tornar os idosos tema de discussão junto aos jovens estudantes de jornalismo, que serão os futuros comunicadores do País”, acrescenta Campos.

Campos fez um registro bibliográfico voltado para a área da ecologia humana, utilizando títulos disponíveis na faculdade espanhola e participando paralelamente de palestras sobre comunicação em Sevilha e Santiago de Compostela. Posteriormente, criou uma base de dados com análises e colhimento de informações em jornais espanhóis de prestígio como *La Razón*, *Diário de Sevilla*, *ABC* e *El País*.

“Observei que os jornais valorizam a idade dos entrevistados quando são pessoas de destaque social, político, econômico e cultural, mas omitem a idade e até mesmo o nome da pessoa idosa quando ela é anônima”, diz o autor da pesquisa. “Detectei também que as mídias falam muito para os idosos, mas não sobre os idosos e que muitas vezes eles são tratados como problema, peso social, reafirmam-

Cabeça de hamem, Alberto Giacometti



Campos: estudas na Espanha, que terá a maior número de idosas da munda na sécula XXI

do estereótipos clássicos de lentidão, inutilidade e inadaptabilidade às novas tecnologias.”

Sujeito social – Segundo o docente, todos esses dados contribuem para prejudicar o protagonismo social ao qual o idoso é chamado cada vez mais como sujeito social e não como massa. “A mesma mídia que passa informações úteis à longevidade como cuidados com a saúde, alimentação e outros, também caricatura o idoso.”

A pesquisa foi orientada por Francisco Sierra Caballero, docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Sevilha, com co-autoria de Antonio Carlos de Jesus, docente da Faac, câmpus de Bauru. “Creio

que a mídia deva abrir espaços e definir pautas e linhas de atuação para contribuir de forma significativa para uma ação efetiva no respeito ao idoso”, diz Jesus.

O co-orientador da pesquisa enfatizou a importância do estudo para criar alternativas de uma vida mais saudável ao idoso, oferecer orientações aos jornalistas sobre métodos e técnicas de abordagem em relação ao tema, além de enriquecer as especialidades de estudos oferecidas pela Unesp. “A pesquisa trata de um tema social delicado e é uma contribuição científica para o melhor desenvolvimento social das comunidades diretamente atendidas pela Universidade”, finaliza Jesus.

Renato Coelho

PRÊMIO

Aluna de Jornalismo vence concurso do Banco Real

Tema da competição foi a relação entre a mídia e o idoso

Carla Grandelli Meassi, terceiranista do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, foi uma das vencedoras do concurso Banco Real Talentos da Maturidade, com o texto intitulado *Os meios de comunicação e a formação do conceito de velho*. A divulgação ocorreu em Recife (PE), em novembro passado, e discutiu o relacionamento dos profissionais da comunicação com o idoso.

“Ganhar o prêmio foi um reconhecimento ao meu trabalho”, diz. Segundo a vencedora, seu trabalho mostra também a necessidade de garantir a cidadania ao idoso por meio da atuação profissional dos profissionais de comunicações. “Acredito que o jornalismo pode contribuir para uma sociedade mais justa e com valores mais humanos.”

Imagem e mídia – O texto, ainda segundo a autora, aponta a importância da imagem construída pela mídia sobre o idoso. “Os meios de comunicação são fundamentais para o reconhecimento social nos vá-

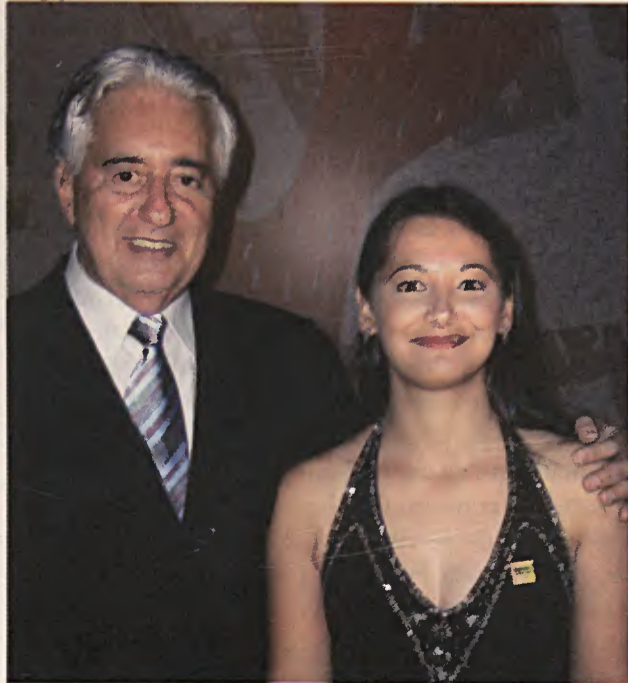
rios segmentos populacionais, no que diz respeito à consideração do papel do idoso na sociedade.”

Para Carla, a iniciativa do Banco Real mostra que a maturidade pode ser vivida positivamente, produzindo frutos e alegrias, longe do lugar comum de que a velhice é uma fase negativa. “A expectativa de vida aumentou, e a pirâmide social do País passa por mudanças que refletem uma nova forma de encarar as relações entre os diversos grupos que compõem o todo da população nacional.”

“Dentro de 20 anos, o Brasil terá cerca de 30 milhões de idosos, representando 15% da população, e a terceira idade está cada vez mais presente na sociedade”, aponta. “O cenário mudou, muitos aposentados precisam trabalhar para contribuir com o sustento de suas famílias. Envelhecer deverá ser entendido como uma conquista, como uma nova fase a ser explorada e vivenciada. Deve existir uma sensibilização diante das questões relativas à terceira idade já nas universidades.”

Fabiana Manfrim

Divulgação



Apresentador da evento, Francisco José e Carla: valorização profissional



Índice avalia impacto de obras científicas

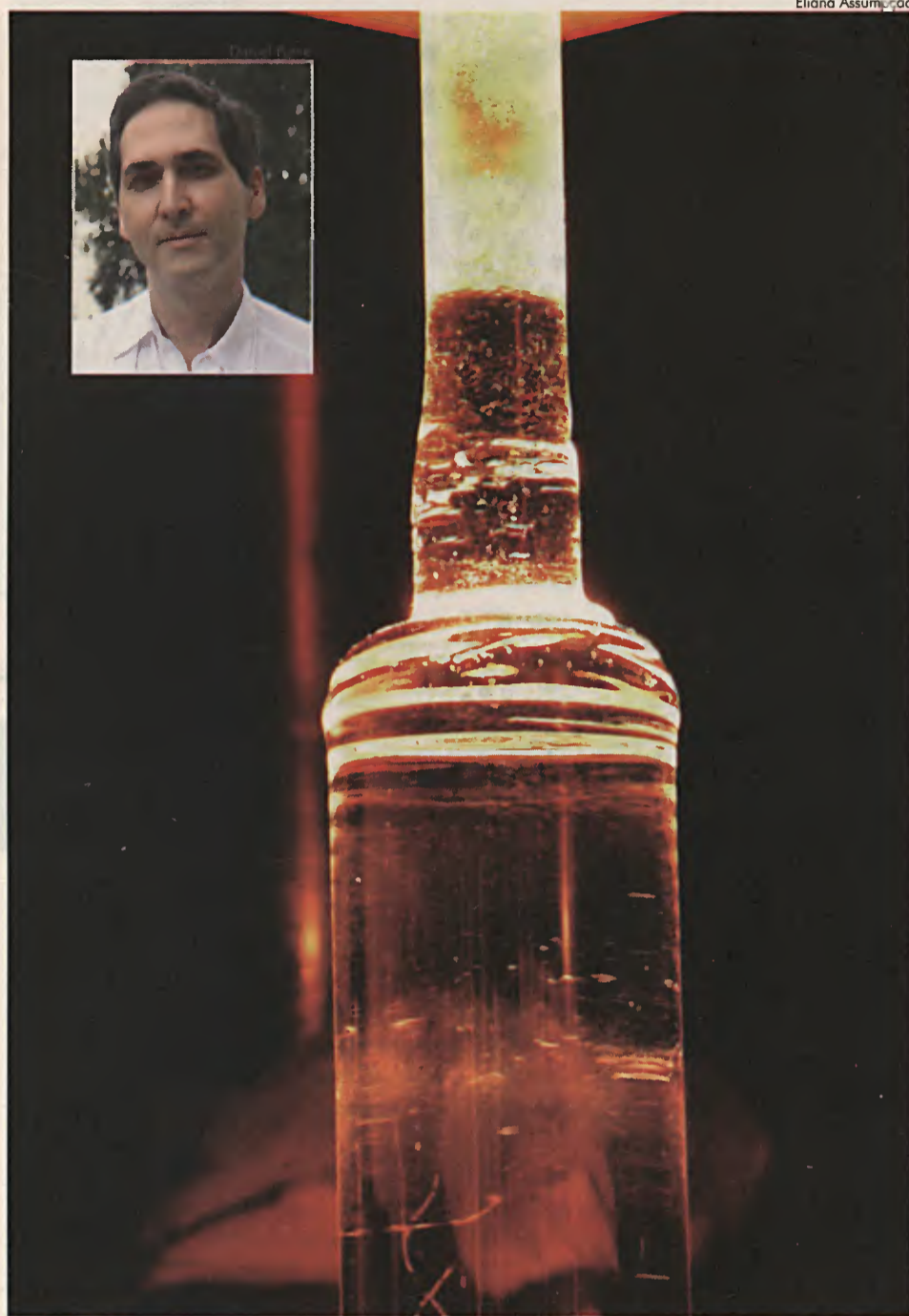
Físico formula novo critério para identificar lideranças em comunidades de pesquisa

Desenvolvido para medir a força de comunidades científicas e detectar a influência de seus líderes, o Fator de Impacto Normalizado (NIF – Normalized Impact Factor) é um índice criado pelo professor George Matsas, do Instituto de Física Teórica, câmpus de São Paulo. O trabalho foi apresentado por meio de um artigo na rede de serviços arXiv.org, um portal com pre-prints (pré-publicações) de diversos campos da ciência.

Para realizar esse estudo, o físico examinou, no ISI Web of Science – importante banco de dados científicos –, os trabalhos de 223 pesquisadores tomados a partir de uma lista de 531 nomes reconhecidos em 2008 como “Outstanding referees” (pareceristas de destaque) pela Sociedade Norte-americana de Física (APS).

O docente definiu então o critério representado pela sigla NIF para avaliar o grau de impacto efetivo de comunidades científicas distintas e encontrar os líderes dentro desses grupos. “Pesquisadores de certas áreas da física, por exemplo, podem publicar mais e ser mais citados do que muitos matemáticos. Isso obviamente não quer dizer que a comunidade de matemática não tenha seus líderes, ou que os físicos sejam em média mais competentes do que seus outros colegas”, explica Matsas.

Citações – O NIF reflete o impacto do pesquisador em sua comunidade, ponderado pelo impacto que esse especialista recebe dessa mesma comunidade. O impacto do pesquisador é estimado pelas citações que ele recebe, enquanto a dimensão do impacto por ele recebido



George Matsas (na detalhe) mede força de pesquisadores em diversas áreas

é calculada a partir das referências por ele listadas em seus artigos. O NIF foi construído para que, numa comunidade de indivíduos com a mesma capacidade, seja dado valor unitário para todos os pesquisadores. Assim, os líderes seriam os que tivessem NIF superior a 1, porque impactariam a comunidade mais do que seriam por ela impactados.

O estudo concluiu que, dos 223 pesquisadores, apenas 31% seriam líderes e o restante, 69%, seguidores. “Seria muito interessante repetir-se esse estudo para os pesquisadores do CNPq com bolsa de produtividade, para se comparar a situação da ciência nacional em relação ao cenário internacional”, sugere Matsas.

O trabalho é elogiado por Rogério Meneghini, especialista em cientometria e diretor científico da SciELO (Scientific Electronic Library Online), biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros. “A pesquisa é inovadora, está bem escrita e possui potencial para ser utilizada. Da forma apresentada, o índice NIF em geral significa uma melhoria em relação ao índice H”, assinala.

O índice H, criado pelo físico norte-americano Jorge E. Hirsch, em 2005, com a proposta de quantificar a produtividade e o impacto de cientistas com base nos seus artigos mais citados, é constituído pelo número de artigos com citações maiores ou iguais a esse número, ou seja, um pesquisador com $h = 5$ possui 5 artigos que receberam 5 ou mais citações, e outro com $h = 15$ tem 15 artigos com 15 ou mais citações.

Danilo Koga

CIÊNCIA

Unesp coordenará dois novos institutos

Centros de excelência investigarão relações externas dos EUA e fisiologia comparada

O Estado de São Paulo terá 35 novos centros de excelência em produção científica e tecnológica. Dois serão de responsabilidade da Unesp: o Instituto Nacional de Estudos das Relações Exteriores dos EUA e o Instituto Nacional de Pesquisa em Fisiologia Comparada. Eles serão coordenados, respectivamente, por Tullo Vigevani, docente da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, e Augusto Shinya Abe, do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro.

O projeto coordenado por Vigevani surgiu com base no Programa de Pós-Graduação de Relações Internacionais San Tiago Dantas, uma par-



Vigevani: trabalho coletivo

ceria entre Unesp, Unicamp e PUC-SP. “O novo instituto é um trabalho coletivo realizado por professores destas três instituições e de outras universidades do Sul e do Nordeste, que objetiva criar um centro de referência em estudos sobre os EUA,



Abe: formação profissional

não apenas em São Paulo”, explica. No centro proposto por Abe, a idéia de participar do edital de seleção dos projetos partiu da necessidade de melhorar a estrutura de equipamentos para os especialistas nessa área. “Com a consolidação deste instituto, visamos

expandir pesquisas relacionados à área de fisiologia comparada e principalmente formar profissionais capacitados”, diz o docente.

Com características semelhantes aos projetos temáticos da Fapesp, que apóiam propostas inovadoras, esses centros buscam atingir uma posição estratégica no sistema nacional de ciência e tecnologia. Todos deverão ter uma instituição sede acompanhada de grupos de pesquisa organizados de forma regional ou nacional.

Para apoiar a implantação desses espaços, serão investidos cerca de R\$ 187 milhões. Os locais ficarão ligados ao Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, conduzido pelo MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia), por meio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em parceria com a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Renato Coelho

Desafios atuais dos circos

Convívio de comunidades tradicionais com grupos artísticos móveis é tema de dissertação

A prática dos profissionais de circo no contexto artístico atual é um tema central nas preocupações do geógrafo e artista de rua Fernando Silva De Ávila. Em sua dissertação de mestrado, *As transformações dos lugares sociais no Brasil*, ele focaliza o circo tradicional nômade, cujas características se diferenciam daquelas dos grupos artísticos móveis, que se apresentam em localidades diversas.

Na visão do pesquisador, o circo tradicional é uma instituição, com regras, valores e normas sociais próprios. Ao longo do tempo, esse espaço cultural reafirma sua unidade comunitária, enquanto os grupos artísticos seguem tendências atuais e estão sempre se renovando. Ainda que inspirados na atividade circense, tais grupos incorporam outras modalidades artísticas, como teatro, dança e música, relacionando sua atividade à cultura urbana contemporânea, com práticas espaciais diferentes dos circos tradicionais.

Apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, sob a orientação da geógrafa Eda Maria Góes, do Departamento de Geografia, a pesquisa mostra que os circos nômades optam por uma rota de shows entre cidades próximas, com cerca de 40 a 50 quilômetros de distância. “Essa escolha se deve à dificuldade e custo de transportar as estruturas físicas do circo, geralmente por meio de caminhões, enquanto os grupos artísticos podem

Divulgação



Reprodução



Reprodução



De Ávila (vestido de palhaço): mapeamento das andanças do grupo que ajudou a fundar é tema de pesquisa

trabalhar em regiões mais afastadas, muitas vezes localizadas em Estados diferentes”, destaca.

Segundo De Ávila, a migração dos circos tradicionais envolve uma cultura que atravessa gerações e exige muito cuidado em escolher o local de instalação. “Esse deslocamento espacial apresenta uma constante mudança de residência, que mexe com as percepções

individuais de cada membro do circo”, comenta. “O palco dos pequenos grupos costumam ser os espaços públicos abertos, e os apetrechos das apresentações cabem em uma mochila.”

O artista ressalta que a pesquisa, financiada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), é uma tentativa de compreender melhor sua própria vida profissional.

De Ávila é um dos fundadores do grupo Rosa dos Ventos, criado em Presidente Prudente, em 1999, com uma proposta educativa que recorre ao teatro de rua, ao circo e à música. “Busquei responder às dúvidas presentes em minha prática artística, uma vez que as mudanças atuais nas atividades circenses ocorrem dentro do Rosa dos Ventos”, enfatiza.

Renato Coelho

LINGÜÍSTICA

A ilusão vendida em livros de auto-ajuda

Obras sugerem que leitores superem problemas com otimismo e receitas de comportamento

O conceito de “self-made man”, ou seja, daquele que sobe na vida às custas do próprio esforço, é cada vez mais difundido. Segundo essa idéia, para conquistar êxito em todos os sentidos basta confiar em si mesmo e ir à luta. Por meio de argumentos como esses, os livros de auto-ajuda conquistam adeptos e vendem milhões de exemplares no Brasil e no mundo, de acordo com Anna Flora Brunelli, professora do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

O gênero da auto-ajuda vale-se de vários recursos lingüísticos relacionados à confiança e à certeza. “Dessa forma, esse discurso se transforma numa espécie de tábua de salvação para todos os que se sentem inseguros e incertos, especialmente quanto à sua situação financeira”, afirma a pesquisadora.

Outra característica, segundo Anna, é a quantidade de enunciados imperativos. “A auto-ajuda oferece supostas

receitas contra a angústia, o medo, a falta de confiança própria, como se realmente pudesse resolver os problemas do sujeito contemporâneo, que, perdendo as antigas referências, precisa que lhe digam como gerir sua vida”, avalia a docente, autora da tese *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso da auto-ajuda*, defendida na Unicamp em 2004.

A ilusão, para Anna Flora, é um dos componentes embutidos nos enunciados: “Dizer que cada um constrói seu próprio destino é desconsiderar as condições sócio-históricas a que estamos submetidos”, enfatiza. A docente acredita que esse gênero sustenta um ideal do capitalismo. “A auto-ajuda induz o sujeito a mudar sua forma de pensar para obter sucesso, em vez de questionar a realidade em que vive”, explica.

Força de vontade – Idéias como “self-made man” ou “make money” (“fazer dinheiro”) são comuns no

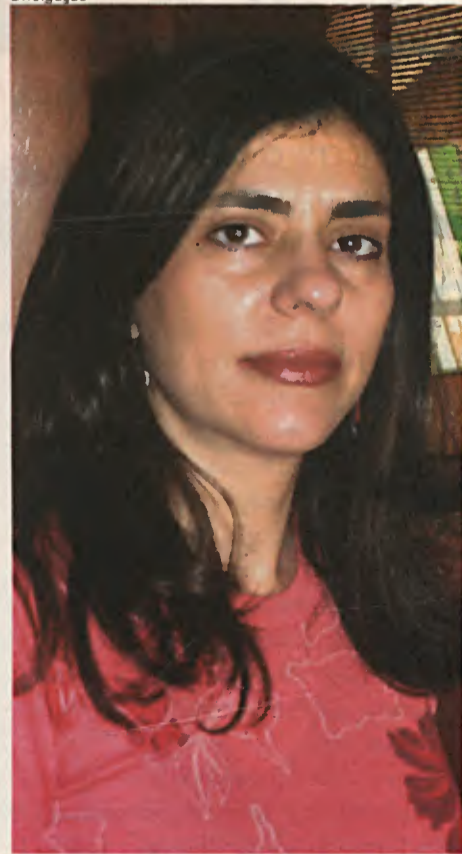
meio empresarial pós-moderno. Ao analisar os textos do kit promocional e de publicações da empresa de vendas em rede Amway, que teve sucesso na década de 1990, Anna Flora também identificou a certeza como o sustentáculo desse discurso.

A lei da atração, que se tornou famosa com a obra *O segredo*, de Michael Losier, é mais um exemplo apontado por Anna Flora. Segundo o livro, essa seria mais uma lei do universo, pela qual os seres humanos podem atrair tudo o que desejarem, de bom ou ruim. “A tese da lei da atração utiliza o discurso científico como sustentação”, analisa. “Uma vez que a ciência é a voz da razão, é um discurso altamente persuasivo.”

A pesquisadora afirma ainda que, no discurso da auto-ajuda empresarial, o argumento religioso é pouco utilizado. “Isso acontece, geralmente, em livros de auto-ajuda ligados à saúde”, diz.

Ligya Aliberti

Divulgação



Anna: estudo de recursos formais

Uso de planta promove sustentabilidade

Araraquara obtém terceiro lugar no Prêmio Natura

O Projeto Taxi, desenvolvido e coordenado pelo professor Alberto José Cavalheiro, do Instituto de Química (IQ), do câmpus de Araraquara, conquistou o terceiro lugar no Prêmio de Inovação Tecnológica Natura Campus 2008. Após dois anos de pesquisa, a equipe premiada encontrou nas folhas da planta passariúva (*Sclerobium denudatum*) – utilizada para a produção de carvão – uma composição de substâncias antioxidantes ideal para aumentar a duração de cosméticos.

“Geralmente as empresas usam um estabilizador sintético. O nosso é natural. Mas o fator positivo do trabalho é a sustentabilidade do projeto. Os pequenos produtores de carvão, que antes jogavam as folhas dessa planta fora, agora poderão vendê-las”, diz a pesquisadora Vanderlan da Silva Bolzani, do IQ, colaboradora do trabalho ao lado de Ian Castro-Gamboia e Dulce Helena Siqueira Silva, além dos alunos Antonio Castanhede e Adelson José de Araújo, ambos do Programa de Pós-graduação do IQ.

Parcerias – Concorreram nessa primeira edição do concurso todos os projetos finalizados e desenvolvidos

Luciana Hashiba/Natura



Vanderlan e Cavalheiro (ao centro), recebendo prêmio por pesquisa com a passariúva (à direita)

Divulgação



em parceria com universidades, institutos de pesquisa e órgãos de fomento desde a criação do programa e que se destacaram quanto à sustentabilidade, qualidade técnica e grau de inovação. “O terceiro lugar é um reconhecimento da competência do nosso grupo no sentido de transformar um resultado de pesquisa inicialmente acadêmico em algo com grande potencial de mercado”, afirma Cavalheiro.

Foram premiados apenas os três melhores projetos desenvolvidos pela comunidade científica brasileira dentro do programa de inovação aberta da empresa Natura. “Com este prêmio, intensificamos a força do relacionamento entre a Natura e as universidades, as empresas e os órgãos de apoio e fomento à pesquisa”, ressaltou

Daniel Gonzaga, diretor de Pesquisa e Tecnologia da Natura.

Desempenho – “A premiação mostra que o trabalho do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Unesp está sendo bem feito. A partir dessa experiência, pudemos observar detalhes para melhorar o desempenho do núcleo. Potencializar as criações que temos dentro da Universidade é a nossa meta”, afirma José Arana Varela, coordenador do Núcleo.

De acordo com a gerente-executiva Fabíola Spiandorello, do NIT, esse primeiro prêmio consolida o processo de inovação tecnológica dentro da Universidade. “São pesquisas de qualidade, com alto valor de conhecimento agregado, que por um processo de

inovação vão gerar novos bens para a sociedade”, declara.

O projeto foi selecionado por uma banca formada por cientistas da Natura; por Luiz Queiroz, da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); Raquel Coelho, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico); e por Luiz Antonio Coelho Lopes, da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), empresa pública vinculada ao Ministério de Ciência e Tecnologia. A cerimônia de entrega foi realizada na Casa Natura, em Campinas, SP, em novembro último, e reuniu representantes de universidades de todo o País, instituições de pesquisa e principais órgãos de fomento à pesquisa brasileira.

Danilo Koga

PARASITAS

Controle natural da praga de seringais

Laboratório de São José do Rio Preto estuda fungos e ácaros

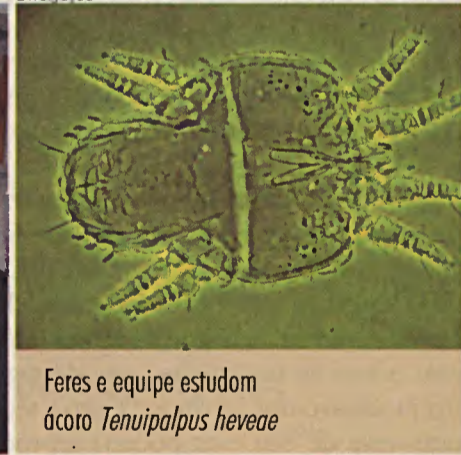
O biólogo Reinaldo Feres, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto, observou a ocorrência de duas espécies de fungos parasitas naturais do ácaro-plano-vermelho-da-seringueira (*Tenuipalpus heveae*). A praga é motivo de preocupação de produtores de borracha, pois ela se alimenta de folhas de seringueira. Em busca de alimentos, ela provoca o desfolhamento prematuro e a conseqüente diminuição da produção de látex. “Esse fungo é considerado um inimigo para certas espécies de ácaros pois ao contaminá-los provoca sua morte”, diz Feres.

Método alternativo – Um dos fungos, da espécie *Hirsutella thompsonii*, foi encontrado em cerca de 24% dos ácaros analisados. Segundo Feres, ele pode ser utilizado como método alternativo para o controle destas infestações. “Na maior parte dos ácaros infectados, o *Hirsutella thompsonii* foi o responsável por sua morte”, disse. O pesquisador afirma que os filamentos

Divulgação



Divulgação



Feres e equipe estudam ácaro *Tenuipalpus heveae*

vegetativos do fungo, chamados de hifas, acabavam por provocar o rompimento do corpo da praga. Registrada em menor frequência, o estudo atesta, ainda, que a espécie *Neozygites sp* também provoca a extinção da praga.

De acordo com Feres, a presença desses fungos costuma ser mais comum em regiões de clima úmido. Como as plantações do Mato Grosso estão localizadas em região de clima seco, o período chuvoso do ano favorece a ocorrência do *Hirsutella thompsonii*. “A constatação da infecção natural de ácaros pelo seu parasita *Hirsutella thompsonii* incentivou o cultivo do fungo em laboratório”, relata o docente.

Ácaros benéficos – Mas nem todas as espécies de ácaros são consideradas pragas. Feres assinala que nas plantações avaliadas também foram verificadas algumas espécies de ácaros predadores, que se alimentam dos ácaros maléficos. “A presença de ácaros predadores nas plantas é benéfica, uma vez que eles comem a praga e seus ovos”, esclarece. “Por conta disso, há empresas especializadas em produzir e vender ácaros predadores para combater os ácaros-praga, principalmente em plantas ornamentais e frutíferas”, afirma.

Nos seringais do Mato Grosso, mostrou o estudo, predomina o predador da espécie *Euseius concordis*.

Feres adverte, no entanto, que antes de utilizar os predadores no controle das infestações é necessária a realização de uma série de pesquisas para testar sua eficiência e a melhor forma de reproduzi-los em laboratório, antes de liberá-los nos seringais. “Cada espécie tem características e necessidades próprias”, explica Feres.

As pesquisas foram realizadas no Laboratório de Acarologia do Ibilce, coordenado por Feres. Os microorganismos foram captados nos seringais da empresa Plantações Edouard Michelin, situada no município de Itiquira (MT).

Ligya Aliberti



Universidade como foco de desenvolvimento

Por meio da colaboração com o setor industrial e agropecuário, além das prefeituras, câmpus fornecem conhecimento que gera impactos em nível local, regional e até mesmo nacional

JULIO ZANELLA

Instalada em 23 municípios paulistas, a Unesp promove atividades que estimulam o desenvolvimento de cidades e regiões. Por meio da assistência técnica e da transferência de conhecimento para a indústria e o agronegócio, além de parcerias com as prefeituras, a Universidade contribui para a geração de investimentos pelo setor privado e para iniciativas do poder público que incentivam o avanço socioeconômico.

“A ação da universidade, enquanto agente econômico, nas suas relações com as indústrias e governos, se dá pela capitalização do conhecimento, ou seja, pela sua transformação em bem econômico”, diz Sérgio Fonseca, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, que estuda as relações das instituições de ensino e pesquisa com o setor produtivo. “A importância das universidades para o desenvolvimento das regiões depende do grau de cooperação e parcerias com setores da sociedade.”

Agronegócio – Alguns estudos na área genética, por exemplo, melhoram a produtividade do agronegócio. Ao identificar linhagens de frango suscetíveis a uma doença do sistema locomotor dos animais, pesquisadores da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu, contribuíram para aumentar a aceitação dessa variedade de carne em países como União Européia e EUA.

“Desenvolvemos um programa inédito de identificação e manejo em linhagens com maior capacidade de ganhar peso sem comprometer a qualidade óssea dos animais”, diz Ibiara Almeida Paz, uma das autoras do estudo, realizado em 2002. “É uma linha de pesquisa com impacto para os avicultores da região e de todo o Brasil”, comenta Ariel Mendes, coordenador do trabalho.

Na área de bovinos, uma técnica de produção de embriões de vacas in vitro, desenvolvida pelo professor Joaquim Mansano, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal, aperfeiçoou a capacidade da reprodução dos animais. A inovação estimulou a fecundação sem o uso de hormônios, que desregulam o sistema produtivo dos bovinos. “Com a técnica anterior, uma vaca de boa raça poderia reproduzir de 10 a 100 vezes durante sua vida; com a nossa proposta, a capacidade passou de 200 a 400 vezes”, explica. O docente afirma que 30 empresas no Brasil foram criadas a partir da descoberta.

Melhoria de culturas – Outro docente da FCAV, Fernando Pereira criou uma variedade de goiabeira, a Paluma, com polpa maior e mais avermelhada e teor equilibrado de açúcar e acidez – características apropriadas à fabricação de geléias. O rendimento é de cerca de 50 toneladas por hectare, quase o dobro das outras mudas. “Hoje, na região de Jaboticabal, a maior produtora de goiaba do País, 80% dos agricultores utilizam a semente criada nos nossos laboratórios”, diz.

Agricultores e pecuaristas também se beneficiam da prestação de serviços e apoio técnico. Produtores de abóboras de Paranapuã, no noroeste paulista, passaram a exportar para a América Latina e a

Europa, graças aos laudos elaborados por docentes da Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira, que atestam que o produto está livre de pragas. O docente Alcebádes Ribeiro Campos planejou um esquema de identificação da mosca-da-fruta, a principal praga da fruticultura nacional. “Hoje, há fortes barreiras dos países para impedir a disseminação desse inseto”, observa.

Ainda na Feis, docentes fornecem dados meteorológicos e orientam agricultores sobre irrigação, adubação e fertilização do solo. “São técnicas estudadas e testadas que economizam água, energia e protegem o meio ambiente”, diz o docente Fernando Tangerino Hernandez.

No Centro de Pesquisa em Administração e Agronegócio (Cepeagro), câmpus de Tupã, agricultores são orientados sobre alternativas de produção, comercialização e exportação. Estudos sobre as cadeias produtivas de mandioca, leite, amendoim e avicultura aprimoraram o planejamento, competitividade, qualidade e custo dos produtos. “Visamos culturas que demandam mais mão-de-obra e são importantes para pequenos agricultores”, afirma o docente Gessuir Pigatto.

Incentivo às empresas – A Unesp adota os modelos de incubadoras e do sistema spin-off, em que novos empreendimentos utilizam conhecimento nascido na universidade. Incubadoras presentes em nove câmpus geraram 100 empreendimentos e 500 empregos. No Laboratório Interdisciplinar de Eletroquímica e Cerâmica (Liec), do Instituto de Química (IQ), câmpus de

Araraquara, cinco empresas foram criadas por ex-alunos a partir do modelo spin-off.

Com a parceria da prefeitura de Pedreira, a 120 km de Araraquara, especialistas do Liec buscam soluções para 26 micro e pequenas empresas que atuam com cerâmica artística. “Eles passaram a utilizar cerâmicas com propriedades mais elásticas, fruto das nossas pesquisas, que dão maior consistência às peças e agregam valor ao artesanato local”, aponta o professor Elson Longo, um dos coordenadores do Laboratório.

Políticas públicas – A Unesp também contribui com as prefeituras em levantamentos de dados, análises do meio ambiente e melhoria da gestão pública. É o caso do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infra-estruturas (Gedri), câmpus de Ourinhos, que pesquisa a expansão urbana, trans-



abastece a região, plantio de matas ciliares e recuperação de 40 km de estradas rurais. “São obras que trazem benefícios diretos para a comunidade rural”, aponta. Em Jaboticabal, um estudo no córrego usado no abastecimento da cidade, coordenado pelo professor Luiz Augusto do Amaral, da FCAV, atraiu R\$ 300 mil para o reflorestamento da área desse manancial. “O projeto vai beneficiar cerca de 50 mil pessoas”, observa Amaral.

Outro foco das ações da Unesp é a gestão pública. O Programa Estadual de Apoio à Governança Municipal (Program), criado na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, melhorou a arrecadação de impostos em 14 cidades. “O programa facilita a obtenção e a organização dos dados do município, melhora a tomada de decisões e o impacto das ações pelos gestores”, diz José Luis Bizzeli, docente que coordena o trabalho. O diretor de Planejamento de Lençóis Paulista, Luiz Antonio Congliani, atesta que a emissão eletrônica de notas fiscais e o pagamento de tributos via Internet, implantados com a adoção do Program, aumentaram em 70% a arrecadação da cidade.

Em Presidente Prudente, foi criado o Centro de Estudos e de Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas (Cemespp). O centro utiliza um sistema que subsidia o planejamento urbano, execução e avaliação de políticas sociais em 15 cidades. São mapas de áreas com maior mortalidade infantil, criminalidade e concentração fundiária. “A metodologia visa diminuir a desigualdade social e dar maior impacto às ações sociais”, afirma o docente Everaldo Melazzo, da FCT.

Embora a Unesp tenha um papel importante no desenvolvimento regional, para alguns docentes a contribuição poderia ser muito maior, se a formação dos alunos desse mais ênfase ao empreendedorismo e a prestação de serviços fosse mais institucionalizada. Fonseca, da FCL, sugere que as Unidades ou os departamentos tenham uma secretaria ou escritórios que organizem melhor as demandas. “Hoje, mais da metade do serviço prestado pela Universidade em Araraquara não é contabilizada”, observa.

O papel dos parques tecnológicos

A Unesp integra projetos de parques tecnológicos – destinados a abrigar indústrias e empresas de tecnologia – e pólos de desenvolvimento que deverão ser implantados no Estado. A Universidade faz parte de três dos cinco empreendimentos previstos pelo Sistema Paulista de Parques Tecnológicos, criado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico.

Em novembro, o então reitor Marcos Macari assinou um protocolo de intenções para a participação da Unesp no Parque Eco-Tecnológico Damha, em São Carlos. “O conhecimento produzido nas universidades aumenta as possibilidades de investimentos e renda da população da região”, diz o professor José Arana Varela, que, como pró-reitor de Pesquisa, intermediou a inclusão da Universidade no projeto. “Várias empresas que surgiram de grupos de pesquisas da USP, Unesp e UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) agora terão espaço para se desenvolver”, afirma José Octávio Paschoal, coordenador do Instituto Inova, que administra o parque.

O parque terá uma indústria de semicondutores, essenciais para a produção de chips que garantem o funcionamento de diversos equipamentos eletrônicos. Esses componentes utilizarão memórias ferroelétricas, com uma tecnologia desenvolvida pela equipe de Varela.

O parque tecnológico de São José dos Campos vai reunir empresas como Vale do Rio Doce, Petrobrás e Embraer. Segundo o vice-diretor da Faculdade de Odontologia, José Roberto Rodrigues, a Unidade recebeu da prefeitura uma área de 120 mil m², para fazer parte do empreendimento. “Há interesse destas empresas em estar ao lado de grandes institutos de pesquisa”, ressalta.

Previsto para funcionar em dois anos, o parque tecnológico de Sorocaba terá a presença da Toyota, cuja participação só foi possível graças à garantia de que a Unesp também estaria envolvida, segundo o coordenador-executivo do câmpus local, Galdenoro Botura Junior. A Unesp ficará com uma área de 150 mil m². “Para a Universidade, a presença num setor industrial desse porte será fundamental para a formação dos profissionais e o desenvolvimento das nossas pesquisas, na proposição de soluções criativas para as demandas do setor”, assinala o dirigente.

Em Assis, o Pólo Regional em Biotecnologia do Vale do Paranapanema reúne vários setores do agronegócio, cooperativas, empresas, prefeituras de 19 cidades, universidades e institutos de pesquisa. “O objetivo é fomentar o desenvolvimento regional por meio da aproximação entre instituições de pesquisa, produtores agrícolas e empresários”, explica Telma de Andrade, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) e coordenadora do Pólo. “Há várias pesquisas em desenvolvimento no campo da biotecnologia, como clonagem de mudas resistentes a pragas, que podem ser absorvidas pela iniciativa privada e comunidades”, acrescenta Pedro Oliva, professor da FCL. J.Z.

Contribuições da Unesp

TECNOLOGIA

- Melhoramento genético
- Reprodução de bovinos in vitro
- Novos cultivares
- Testes de identificação de pragas



PROJETOS AMBIENTAIS

- Estudos sobre bacias que abastecem cidades
- Propostas de reflorestamento

CRIAÇÃO DE EMPRESAS

- Instalação de incubadoras
- Empresas spin-off

APOIO TÉCNICO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

- Dados meteorológicos
- Irrigação, conservação e fertilidade do solo
- Comercialização e planejamento



POLÍTICAS PÚBLICAS

- Softwares de gestão pública
- Mapeamento de exclusão social
- Projetos sociais

PARTICIPAÇÃO EM PARQUES TECNOLÓGICOS

- Sorocaba
- São José dos Campos
- São Carlos
- Assis



Daniel Patire



Saídas para a crise financeira

A profundidade da crise atual deixou claro que a globalização, embora seja irreversível, precisa sofrer mudanças. A hegemonia do setor financeiro, que foge ao controle dos governos e interfere no funcionamento dos países, gerou conseqüências devastadoras, após a seqüência de quebras de grandes bancos e instituições nos Estados Unidos. No entanto, governos, lideranças e especialistas apresentam propostas divergentes sobre o que fazer. A partir de diferentes pontos de vista, os colaboradores desta edição analisam o quadro contemporâneo, com destaque para a situação do Brasil e da América Latina. Eles defendem medidas como o maior controle público sobre o funcionamento dos mercados, além de destacar os benefícios econômicos do estímulo à democratização e à expansão de oportunidades, principalmente por meio da educação.

América Latina está mais preparada para enfrentar problemas

Entrevista com Renato Baumann

Página 2

Entre aspirações e ilusões de um mito

Claudio Cesar de Paiva

Página 2

Por que é necessário reestruturar o sistema financeiro mundial?

Fernando Ferrari Filho

Página 3

A necessidade de uma mudança de estratégia

Mário Augusto Bertella

Página 4

ENTREVISTA

RENATO BAUMANN

América Latina está mais preparada para enfrentar problemas

Diretor do escritório brasileiro da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) da ONU (Organização das Nações Unidas), Renato Baumann é professor da UnB (Universidade de Brasília), do Instituto Rio Branco e da Fundação Getúlio Vargas. Bacharel e mestre em Economia pela UnB, ele é doutor em Economia pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Nesta entrevista, o economista aponta medidas que os países latino-americanos podem adotar para superar a crise econômica. (Entrevista a Oscar D'Ambrosio)

Jornal Unesp: Qual é, hoje, o principal desafio econômico para a América Latina?

Renato Baumann: A curto prazo, é fundamental não permitir que haja queda no ritmo de atividade. Existe ainda a necessidade de política fiscal ativa e políticas monetária e cambial compatíveis. No médio prazo, é preciso lidar com aumento no grau de concentração nos setores produtivo real e financeiro, resultante das quebras provocadas pela crise e da forte restrição creditícia, assim como solucionar, em vários países da região, os problemas derivados da insuficiência energética e, sobretudo, de oferta alimentar. No longo prazo, os desafios são superar carências básicas que afetam os fatores de produção (qualificação da mão-de-obra, infra-estrutura, melhora na distribuição de renda e riqueza e ajustes na estrutura fundiária e



Ricardo B. Labastier

programas adotados para prover liquidez ao sistema financeiro, assim como sustentar o nível de demanda agregada, contribuir para amainar os efeitos da crise.

JU: Como a atual conjuntura pode redesenhar o papel da América Latina na economia global?

Baumann: O aprendizado com a crise da dívida dos anos 1980 e com as crises da segunda metade da década de 1990 foi expressivo para a região. As economias são em sua maior parte mais abertas a um número maior de parceiros comerciais e há maior complementaridade regional. As informações disponíveis hoje permitem prever um mundo pós-crise com algumas alterações em relação à situação atual. É desejável que os países industrializados reconheçam a importância da preservação da demanda agregada também no nível internacional, abrindo espaço para a retomada das negociações no âmbito da OMC. Nesse cenário otimista, ao menos alguns dos países da América Latina podem desempenhar papel ativo nos processos negociadores. O desafio será lidar com um mundo em que, provavelmente, o custo do capital será mais alto e a retomada da atividade será lenta, limitando o papel da demanda externa. Portanto, os esforços para superar a distância da fronteira tecnológica serão mais expressivos. O reconhecimento dessas condições impõe a necessidade de começar a agir de imediato, seja cada país isoladamente, seja por meio de mecanismos regionais.

A curto prazo, é fundamental não permitir que haja queda no ritmo da atividade

JU: Até que ponto a atual crise global pode afetar a América Latina como um todo?

Baumann: A magnitude do impacto depende de alguns elementos, como a profundidade da crise, a duração do período de adversidade e a transmissão do impacto negativo, assim como das medidas adotadas pelos países da região. Já são nítidos alguns efeitos sobre o crédito, com repercussão sobre vários setores produtivos. É menos clara a extensão da retração da demanda sobre o ritmo de atividade dos países da região. Se por um lado há sinais de redução de negócios nos países da OCDE, o ritmo de crescimento das economias da Ásia, embora menor, ajudará a compensar parcialmente os efeitos sobre diversas economias da região. Na América do Sul, os

Entre aspirações e ilusões de um mito

CLAUDIO CESAR DE PAIVA

A crise econômica desencadeada a partir do colapso do mercado imobiliário americano revelou a capacidade destrutiva de um modelo de desenvolvimento baseado na dominância do capital financeiro e nas práticas rentistas.

O esgotamento desse modelo concentrador de riquezas e agudizador de contrastes sociais deverá induzir a retomada do debate sobre o desenvolvimento econômico, a partir da redefinição de formas e estratégias de produção do espaço social e de organização do território.

É muito provável que o rumo dessas mudanças no Brasil ocorrerá em direção às velhas temáticas, ainda que sob novas perspectivas (isto é, a natureza transescolar do desenvolvimento), uma vez que não foram resolvidos os antigos problemas decorrentes da heterogeneidade social, velha e persistente herança colonial, e da segregação espacial, cuja representação contemporânea são as "cidades dos enclaves fortificados", a "cidade dual" etc.

Mas é possível alcançar o desenvolvimento econômico?

O debate recente sobre desenvolvimento econômico tem sido bastante influenciado pelas reflexões de Amartya Sen, que procura demonstrar que o desenvolvimento está essencialmente ligado à eliminação de privações de liberdades e às oportunidades oferecidas à população para fazer escolhas. A ampliação das liberdades requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos.

[...]

A tarefa prioritária do governo central deve ser a de pensar um novo projeto nacional de desenvolvimento, que possa compatibilizar crescimento econômico com melhores padrões de equidade. Esse projeto deve conter políticas que valorizem a diversidade territorial nacional, as potencialidades da expansão econômica interiorizada e a capacidade autóctone de gerar conhecimentos e inovações.

As políticas de redução das desigualdades regionais e as políticas industriais deverão ser pensadas no sentido de desestimular ações unilaterais de Estados e municípios para resolver a questão do emprego e da renda, sobretudo através das conhecidas "guerras fiscais". Além disso, deve-se reconhecer, como apontado por Celso Furtado, que o subdesenvolvimento é um fenômeno específico do capitalismo e não uma simples etapa pela qual necessariamente todos os países deveriam passar.

O reconhecimento da especificidade local do fenômeno do desenvolvimento impõe um alerta à adoção de políticas de desenvolvimento baseadas na simples transposição de modelos de sucesso em outros países, como o do Vale do Silício ou dos distritos industriais italianos. Um exemplo disso é a proposta de Arranjos Produtivos Locais (APLs), que foi banalizada na última década. Repentinamente, uma espécie de mimetismo intelectual contagiou governos locais e instituições nacionais de apoio ao desenvolvimento, e qualquer ati-

vidade econômica passou a ser vista como um potencial arranjo produtivo.

O desafio do desenvolvimento econômico no Brasil exige um grande esforço para dar conta da complexidade das questões envolvidas, sobretudo para articular o desenvolvimento de regiões tão diferentes e suas biodiversidades como o agreste, o bioma amazônico, o cerrado, o semi-árido nordestino, a porção litorânea do território.

Em termos gerais, um plano nacional de desenvolvimento que tenha como objetivo promover o crescimento com maior equidade deverá impor metas para: i) superar as desigualdades sociais e regionais; ii) fortalecer a unidade (coesão) social e territorial; iii) promover o potencial de desenvolvimento das regiões; iv) valorizar a inovação e a diversidade cultural e étnica da população; v) promover o uso sustentável dos recursos naturais.

Na busca incessante pelo desenvolvimento econômico e social, um desafio fundamental é articular uma pluralidade de atores, no sentido de incentivar a multiplicidade de formas e espaços de democratização. Nesse aspecto, a universidade tem um papel de grande relevância, cuja função social vai além da formação de capital humano.

A realidade mostra que parcelas crescentes da população têm sido colocadas à margem dos benefícios sociais instituídos, fato comprovado na dificuldade de acesso aos equipamentos sociais coletivos, na falta de moradias, na periferização das cidades, na degradação ambiental e no aumento acentuado da criminalidade. Nesse sentido, os desafios tornam-se múltiplos e imensos e o desenvolvimento ainda é um devir.

Claudio Cesar de Paiva é doutor pelo Instituto de Economia da Unicamp e professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara.

A íntegra deste artigo está no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/desenvolvimento_paiva.php



Por que é necessário reestruturar o sistema financeiro mundial?

FERNANDO FERRARI FILHO

A globalização do sistema financeiro, em curso ao longo dos últimos anos, tem alterado substancialmente a natureza e os determinantes da dinâmica da economia mundial, uma vez que a desregulamentação dos mercados financeiros, as inovações financeiras – tais como as securitizações e os derivativos – e a livre mobilidade de capitais, essencialmente de portfólio, têm sido, em um contexto no qual as ações de políticas macroeconômicas domésticas são cada vez mais limitadas, um dos principais responsáveis tanto pelas crises de balanço de pagamentos das economias emergentes que ocorreram em um passado recente, quanto pela atual crise financeira internacional. Em outras palavras, a referida globalização tem protagonizado naturezas disruptivas não somente nos mercados cambiais e de crédito, mas, sobretudo, nos países como um todo, ocasionando efeitos deletérios em termos de crescimento econômico e instabilidade macroeconômica.

J.M. Keynes, em sua *Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda*, de 1936, já chamava a atenção para o fato de que, em economias monetárias da produção, a organização dos mercados financeiros enfrenta um trade-off entre liquidez e investimento: por um lado, eles estimulam o desenvolvimento da atividade produtiva; por outro, eles aumentam as oportunidades de obtenção de riqueza de lucros sobre a variação do valor da riqueza. Assim sendo, ao estabelecer uma conexão entre os mercados financeiros e o setor real da economia, principalmente a partir do impacto da atividade especulativa sobre a atividade produtiva, Keynes (1936, p.159) escreve que "a posição é séria quando o empreendimento torna-se uma bolha sobre o redemoinho da especulação. Quando o desenvolvimento das atividades de um país torna-se o subproduto das atividades de um cassino, o trabalho provavelmente será malfeito".

Contextualizando a frase de Keynes para os dias atuais, a ação dos global players (grandes gerenciadores de fundos), em um mercado mais liberalizado e integrado, faz com que os mercados financeiros convertam-se em uma espécie de grande cassino global. Nesse sentido, a atual crise

financeira internacional – originada pelas perdas causadas pelo crescente default dos empréstimos das hipotecas do mercado norte-americano de subprime e dinamizada em termos globais, devido ao fato de que grande parte dessas hipotecas foi securitizada e distribuída a investidores do mercado global – nos induz a duas reflexões. Em primeiro lugar, ela põe em xeque os benefícios concretos da globalização financeira, com mercados financeiros desregulados. Segundo, ela nos remete, principalmente a partir das medidas de natureza fiscal e monetária implementadas pelos EUA e países da Zona do Euro, entre outros, à necessidade de se reestruturar o sistema financeiro mundial (SFM) para se evitar uma recessão econômica contundente.

Em relação à primeira reflexão, visto que o futuro é incerto e o estado de confiança dos agentes é subjetivo, então, na ausência de regras que estabeleçam os mercados financeiros, as atividades especulativas e a valorização financeira da riqueza afloram naturalmente. No que diz respeito à necessidade de se reestruturar o SFM,

para alguns, a reestruturação do SFM passa por (i) regimes cambiais mais flexíveis, (ii) maior mobilidade de capitais e (iii) maior liberalização financeira dos mercados, pois tais medidas equilibram, automaticamente, os balanços de pagamentos, alocam eficientemente as poupanças doméstica e externa e melhoram a performance do crescimento econômico. Em contrapartida, a necessidade de se preservarem as autonomias das políticas fiscal e monetária dos países – essenciais para assegurar trajetórias de crescimento econômico sustentável – tem reforçado o ponto de vista de keynesianos, acadêmicos ou não, de que é necessária a criação de um International Market Maker para, por exemplo, garantir a liquidez internacional imprescindível à expansão da demanda efetiva mundial e coibir a livre mobilidade dos fluxos de capitais especulativos, condições fundamentais para que a economia mundial possa voltar a experimentar períodos mais duradouros de prosperidade econômica, preferencialmente próxima ao pleno emprego.

No péndulo das posições, não resta dúvida de que as soluções paliativas encontradas pelas autoridades monetárias e governamentais mundiais, tais como as de injeção de liquidez e de redução das taxas básicas de juros por parte dos bancos centrais – entre eles FED e BCE – e de políticas fiscais expansionistas, deixam claro que é necessária a mão visível do Estado para assegurar a "funcionalidade" da mão invisível do mercado e levar as economias, como a brasileira, a enfrentarem melhor os desafios do desenvolvimento.

Fernando Ferrari Filho é professor titular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisador do CNPq e presidente da Associação Keynesiana Brasileira (www.ppge.ufrgs.br/akb).

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/reestruturar_sistema_financeiro.php

A necessidade de uma mudança de estratégia

MÁRIO AUGUSTO BERTELLA

No início dos anos 1990, duas grandes categorias de estratégias de desenvolvimento foram sugeridas. A primeira, englobada em algumas ações como a liberalização comercial e de preços e uma administração fiscal mais responsável, foi, de maneira geral, implementada, embora com grandes variações entre os países. A segunda pode ser agrupada em algumas ações que talvez não tenham sido recomendadas o suficiente ou encontraram forte oposição dentro dos países. São elas: educação, meio ambiente, administração de riscos financeiros e boa governança.

A qualidade da educação e sua distribuição (aos pobres, por exemplo) necessitam de atenção especial na medida em que o crescimento populacional e o progresso tecnológico aumentam a demanda por tais serviços. Os governos, em todos os seus níveis, têm um papel crucial em garantir uma distribuição equitativa e de qualidade de serviços sociais (embora não necessariamente em fornecê-los). No Brasil, há muito por fazer, seja no ensino básico e intermediário, seja no ensino superior. No primeiro caso, embora existam algumas boas escolas públicas, a regra geral é a deterioração, nas últimas décadas, do ensino público. No ensino superior, a proliferação de faculdades privadas sem uma regulamentação rigorosa tem gerado uma educação bastante deficiente. Um recente exame de alunos recém-egressos das faculdades de medicina (públicas e privadas) no Estado de São Paulo apresentou uma reprovação da ordem de aproximadamente 70%. Note-se que esse resultado só não foi maior por conter alunos das universidades públicas.

Muitos países têm adotado a estratégia de "primeiro crescer, limpar depois". Entretanto, as evidências sem precedentes de inundação, desmatamento e degradação ambiental mostram que essa abordagem não é a mais apropriada, tanto do ponto de vista social como ecológico, além de representar uma ameaça ao próprio desenvolvimento. [...] Políticas mais adequadas e uma melhor combinação de investimentos, incentivos e instituições podem tornar realidade o crescimento sustentável, do ponto de vista ambiental.

A globalização financeira, a despeito dos benefícios que ela possa promover, traz a possibilidade de uma maior vulnerabilidade dos países em desenvolvimento, decorrente, dentre outros motivos, da rapidez com que o capital pode se movimentar de um país

ao outro. Nesse sentido, transparência, regulação bancária e governança corporativa são fatores importantes a serem considerados. Entre outras políticas a serem avaliadas, pode-se mencionar a taxação sobre os fluxos de capitais de curto prazo.

A corrupção não é apenas uma questão moral, mas também envolve altos custos sociais. Políticas econômicas equivocadas, fraco aparato legal, muitas regulações e falta de profissionalismo alimentam a corrupção. Um ambiente democrático com uma sociedade civil bastante ativa e supervisora das ações públicas, além da correção das distorções de política, são elementos cruciais para a boa governança.

As dimensões acima implicam uma mudança de ênfase para as seguintes direções:

a) políticas que promovam igualdade de oportunidades com crescimento. Isso não implica, necessariamente, que o crescimento

de longo prazo será menor, mas que a devida atenção deva ser dada a igualdade, qualidade e sustentabilidade, bem como a ações orientadas ao crescimento;

b) políticas de construção de aparato regulatório que aumentem a concorrência e eficiência. Nesse sentido, reformas nas normas, regulamentações e instituições que as implementem devem ser ressaltadas. Note-se que as economias cujos governos fornecem um ambiente adequado à produção são muito bem-sucedidas e dinâmicas. O contrário ocorre com as nações que favorecem a corrupção e a alocação de recursos que não sejam destinados à produção;

c) políticas que promovam a construção de uma sociedade civil atuante e participativa. O objetivo aqui é a inclusão social.

Mário Augusto Bertella é docente do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp, câmpus de Araraquara.

A íntegra deste artigo está no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/bertella_desafio.php



A qualidade da educação e sua distribuição necessitam de atenção especial

Ciência em Extensão entra no Open Journal

Revista on-line passa por ampla reformulação

Editada pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), a publicação eletrônica virtual *Revista Ciência em Extensão (RCE)*, amplamente reformulada e disponível na Internet a partir de dezembro, trata assuntos como o processo de informatização do Herbário Rioclarense da Unesp, câmpus de Rio Claro; Programa de visitação monitorada de estudantes a um centro de ciências: monitores, alunos, professores e aprendizagem; Cidadania e bem-estar: uma experiência no Projeto Rondon da Unesp em Jordão, Acre; Uma experiência de investiga o social no Baixo Amazonas; e A qualifica o em gestão da agricultura familiar: a experiência da Alta Paulista.

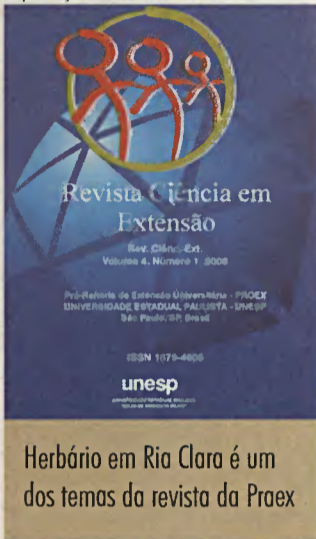
“O volume apresenta artigos científicos em diferentes áreas do conhecimento, refletindo a oes extensionistas que apontam a estreita parceria entre a universidade e a sociedade, parceria que permite a constru o do conhecimento a partir de trocas constantes de saberes sistematizados”, explica a pr -reitora Maria Am lia Máximo de Ara ujo.

A publica o difunde os resultados das atividades de extensão universitária e a sua indissociabilidade com o ensino

Eliona Assump o



Reprodu o



no e a pesquisa. São publicados artigos científicos produzidos a partir de dados de extensão universitária, além de relatos de experiências extensionistas, artigos de opinião, resenhas de livros e revistas, resumos de disserta oes e teses. A partir desta edi o, ocorre o uso da Plataforma SEER – Sistema Eletr nico de Editoria o de Revistas (SEER – IBICT) na versão OJS 2.1.1.0, passo imprescindível para a sua progressiva qualifica o nesse sistema.

A revista utiliza a rede mundial de informa o, inclusa no Sistema de Co-

hecimento Público (Public Knowledge Project – Open Journal Systems – OJS), um instrumento de divulga o de idéias geradas, dinamicamente, na perspectiva interdisciplinar sobre a Extensão Universitária e suas respectivas áreas temáticas: comunica o, cultura, direitos humanos, educa o, meio ambiente, saúde, tecnologia, trabalho, ciências agrárias e veterinárias, espaços construídos e política e economia.

O acesso pode ser feito pelo link http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/issue/current

C&T

Educa o ambiental como meta

Publica o aceita trabalhos até 25 de junho

Até 25 de junho, a *Revista eletrônica Olam – Ciência & Tecnologia* recebe artigos para a edi o janeiro-junho/2009. O tema proposto   Percep o, Interpreta o e Valora o Ambiental. Editada pela geógrafa Solange de Lima Guimarães, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro, a publica o, que está dentro do Portal de Periódicos do câmpus de Rio Claro, busca contribuir para a forma o de redes dentro de diversos eixos temáticos.

Em suas edi oes, a *Olam* vem contemplando temas como Engenharia, Arquitetura e Projetos; Direito Ambiental e Urbanístico; Direitos Humanos; Qualidade Ambiental, Qualidade de Vida e Saúde Ambiental, entre outros.

Os textos enviados serão analisados por dois pareceristas. De acordo com a editora, serão aceitos somente trabalhos inéditos e já revisados, nos idiomas português ou espanhol. Informa oes: <http://www.olam.com.br/envio.htm>

Fabiana Manfrim



LEITURA DINÂMICA

ESTÁGIO I

Dezenove alunas do curso de Administra o de Tupã apresentaram, dia 5 de dezembro, os relatórios referentes ao Estágio Supervisionado Obrigatório nas dependências da unidade. O objetivo   articular o forma o teórica fornecida pelo curso com a prática profissional na respectiva área de trabalho. Muitos dos alunos que apresentaram seus trabalhos realizaram seus estágios em empresas de destaque no mercado brasileiro e mundial, como ACNielsen, Citrovia/Votorantim, Ericsson, Natura, Nestlé, Sabesp, Suzana Papel e Celulose, Unilever Brasil e Whirlpool S/A. (Ana Eliza Pimenta Moreira, bolsista Univesio / Tup )

ESTÁGIO II

O estágio   fundamental para que o universitário aplique os conhecimentos adquiridos ao longo da gradua o na vida profissional. Diogo Aparecido Lopes Silva, 21 anos, do curso de Engenharia Industrial Madeireira de Itapeva, iniciou, no último dia 5 de fevereiro, seu estágio extracurricular (não obrigatório) na empresa Duratex, unidade de Itapetininga-SP. Dentro da empresa, suas atividades abrangem práticas de melhoria contínua, no setor de Gestão de Qualidade. “O estágio auxilia o enfrontar situa oes cotidianas do mundo das empresas”, diz. (Bruna de Souza Morita, bolsista Univesio / Itapeva)

LITERATURA

A Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara promove, de 28 a 30 de abril, o I Colóquio Vertentes do Fantástico na Literaturo. O objetivo   a discussão do fantástico enquanto manifesta o cultural e literária de ampla alcance e viés interdisciplinar no âmbito erudito (literatura e artes consagradas no

c nane) e no popular (folclore, oralidade). Serão aceitas comunica oes em Letras, Ling stica, Pedagogia, Antropologia, História, Cinema, Artes e outras áreas afins. Informa oes: lem@fclar.unesp.br ou 16-3301-6226. (Shirley Romera dos Santos, bolsista Univesio / FCL / Araraquara)

ENCONTRO ESTUDANTIL

O CoREEF (Conselho Regional de Entidades Estudantis de Form cia), realizado pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, câmpus de Araraquara, juntamente com a EREFAR-Se (Executiva Regional dos Estudantes de Farmácia - Região Sudeste), atualmente composta por Unesp, UFMG, Ufes, Unifal e FMC, aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de dezembro. Foram discutidas problemas nacionais e regionais, ligados ao farmacêutico e   saúde, além de deliberar propostas que delinearão as a oes do movimento estudantil de Farmácia. (Edgar de Oliveira Matias, bolsista Univesio / FCF / Araraquara)

COLAÇO DE GRAU

O coordenador executivo da unidade de Sorocaba, Galdenaro Botura Jr., realizou, dia 20 de dezembro, o colaço de grau de gabinete aos ex-alunos Liv Nakashima Costa (formada em Engenharia Ambiental) e  rico Vicente Ciancio e João Bosco Lourenço Pereira (Engenharia de Controle e Automa o). Os alunos solicitaram a colaço de grau antecipada. “O  rico está com viagem marcada para trabalhar nos Estados Unidos, e a Liv e o João já se encontram trabalhando. Todos precisavam do registro junto ao Crea para regularizar os seus situa oes”, explica o coordenador. (Eduardo Bernardo de Oliveira, bolsista Univesio / Sorocaba)

PARCERIA

A Faculdade de Ciências de Bauru estabeleceu parceria com o *Jornal da Cidade (JC)* de Bauru, o mais

importante da região, e com a CPEU (Comissão Permanente de Extensão Universitária) para concretizar um projeto de divulga o dos Projetos de Extensão que ocorrem na unidade. O objetivo do projeto   divulgar por meio de reportagens no *JC* de Bauru 15 Projetos de Extensão, pré-selecionadas por Giselle Hilário, editora chefe do jornal, dentre os 80 projetos do Foculdo de Ciências. Os projetos serão divulgados quinzenalmente. (S ria Cristina Nogueira, bolsista Univesio / FC / Bauru)

AGRONEGÓCIO

A Faculdade de Ciências Agron micas de Botucatu, em parceria com a Funda o de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais - Fepaf, promove o 1  Simp sio Internacional em Estratégias de Mercado no Agronegócio, no período de 25 a 27 de março. Serão discutidos temas atuais, nos diferentes aspectos que compõem o agronegócio: a participa o do agronegócio brasileiro no mercado internacional, suas rela oes com os blocos econ micos, estratégias de marketing, logística, mecanismos de financiamento, certifica o e mercado de carbono. (Fernanda Pelli-cer Martins, bolsista Univesio / FCA / Botucatu)

AUTOMÁTICA

O programa de p s-gradua o em Engenharia Elétrica do Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira vai organizar, junto com o programa da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), o XVIII Congresso Brasileiro de Automática (CBA) em 2010, em Bonito, MS. O CBA   o maior e mais importante congresso da área de Engenharia Elétrica organizado por universidades brasileiras e   patrocinado pela Sociedade Brasileira de Automática (SBA). A escolha foi feita no último CBA, que ocorreu em setembro em Juiz de Fora, MG. Informa oes: www.ccbonito.com.br/2010/automatica (R binson Gerardo Trindade Portilha Erazo, bolsista Univesio / FE / Ilha Solteira)



Em busca de um álcool mais barato

Projeto do Instituto de Química de Araraquara atua na produção a partir de bagaço de cana

Pesquisadores do Instituto de Química (IQ), câmpus de Araraquara, buscam aperfeiçoar a produção de álcool a partir do bagaço da cana-de-açúcar. Eles investigam fungos que preparam o bagaço para a fermentação, selecionam as melhores leveduras e criam métodos rápidos e baratos para a indústria monitorar o fermento. Pela importância econômica, seus estudos foram selecionados para participar do Bioen (Programa de Pesquisa em Bionergia), programa de financiamento especial da Fapesp.

Parte dos projetos selecionados pelo Bioen, cujo objetivo principal é incentivar pesquisadores em universidades e empresas a desenvolverem a produção de álcool de cana-de-açúcar, foi divulgada no dia 4 de fevereiro. Entre eles, está o projeto "Produção de etanol a partir do bagaço de cana: tratamentos enzimáticos, ensaios microbiológicos para avaliação da toxidez e tolerância das leveduras a elevações de temperatura e acidez do processo", desenvolvido pelos pesquisadores Cecília Laluece, Karen de Oliveira, Sandra Sponchiado e Eduardo Cilli, do Departamento de Bioquímica e Tecnologia Química do IQ.

Desperdício – Atualmente, no processo de produção de álcool a partir da cana-de-açúcar, a indústria brasileira aproveita apenas o açúcar. Assim, dois terços da biomassa, na forma de bagaço e palha, são desprezados no processo. Para transformar essa enorme biomassa em álcool combustível – etanol –, os pesquisadores buscam técnicas apuradas que permitam tal procedimento.

Segundo Cecília, já existem métodos para obter o etanol da substância principal do bagaço, a celulose. Mas

Lúcio Flávio O. Luiz



Elizabeth Baraldi, Karen de Oliveira, Cecília Laluece, Jéssica Gallardo e Meline Morais no Laboratório de Leveduras Industriais

eles ainda são ineficientes ou caros. A celulose precisa ser quebrada em moléculas menores para que os microorganismos do fermento consigam digerir e transformá-la em etanol. Essa quebra da celulose chama-se hidrólise. A hidrólise convencional é feita com ácidos. Infelizmente, o excesso de acidez mata o fermento.

Um método recentemente desenvolvido nos EUA é menos tóxico às leveduras, ou fermento biológico. Ele utiliza enzimas secretadas por bolores para decompor o bagaço da cana. "O custo desse processo, porém, é bastante alto", explicou Cecília. Segundo a docente do IQ, Sandra Sponchiado e sua aluna Marina Marques estudam a hidrólise do bagaço de cana por comparações de fungos de baixo custo.

Enquanto isso, a pesquisadora de pós-doutorado Karen de Oliveira desenvolve métodos rápidos e simples para avaliar a toxicidade dos componentes da hidrólise de bagaço e o efeito deles na atividade das leveduras. "Desenvolver ensaios rápidos que em 15 ou 30 minutos informam a tolerância das leveduras à toxidez do melaço é muito importante para a indústria", contou Cecília. "Mas antes disso é preciso conhecer como age cada tóxico em contato com o microorganismo", explicou.

O docente Eduardo Cilli colabora analisando a evolução do processo de hidrólise e os produtos químicos criados durante o processo. Outro obstáculo para o aumento da produção de etanol é controlar a elevação da tem-

peratura dos tonéis de milhões de litros onde a mistura, o bagaço hidrolisado, fermenta. "O fermento opera bem entre 30 e 37 °C", explicou Cecília. "Passando disso, o álcool começa a alterar as membranas das células do fermento."

Os sistemas de refrigeração são caros e difíceis de controlar. Cecília e seus colaboradores vêm criando linhagens de leveduras capazes de promover a fermentação mesmo em altas temperaturas. "Achamos que nossas leveduras possam resistir a temperaturas até maiores que 40 °C", afirmou.

Os pesquisadores submeteram em setembro de 2008 o registro da patente de um fermento geneticamente modificado para produzir etanol em condições extremas.

Igor Zolnerkevic

DIVULGAÇÃO

Rio Preto inaugura centro de ciência

Espaço estimula conhecimento interativo e lúdico

O Centro Integrado de Ciência e Cultura "Professor doutor Aziz Nacib Ab'Saber" (CICC), inaugurado em novembro, em São José do Rio Preto, SP, é resultado de um convênio entre a Unesp, por meio do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), a Prefeitura Municipal e a Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão local (Faperp).

Instalado em uma área de aproximadamente 2,5 mil m², o Centro é um espaço que visa estimular o conhecimento de maneira interativa e lúdica. Possui espaços para a exposição de trabalhos nas áreas da Linguagem, Física, Matemática, Química, Biologia. No local também há

W. Corneiro/SMCS



Planetário, observatória astronômica, anfiteatro e espaço para exposição de trabalhos em 2,5 mil m²

um planetário e um observatório astronômico, além de um anfiteatro com 168 lugares. Alguns temas em exposição tratam da evolução das línguas, da humanidade, das origens do ferro, das teorias da mecânica e das curvas e simetrias.

Cabe ao IBILCE gerenciar as ativi-

dades científico-culturais do Centro, por intermédio dos trabalhos de docentes e servidores técnico-administrativos. A Prefeitura é responsável pelo repasse dos recursos necessários para aquisição de equipamentos, manutenção dos espaços e contratação de pessoal. Por meio da Faperp,

a prefeitura investiu R\$ 3 milhões para as adequações atuais.

O Centro Integrado de Ciência e Cultura fica na Rua João Ernesto Vitorazzo, 500 (próximo ao aeroporto). Informações: (17) 3232-9426 ou www.centrodeciencias.org.br

Ligia Aliberti

MEIO AMBIENTE

Bacia do Corumbataí

O livro investiga questões como as condições climáticas, a qualidade da água e do solo e a intervenção do homem da região da Bacia do Corumbataí, que abrange a parte superior do Rio Tietê, num percurso de 592 km. A partir desse diagnóstico, com pontos de vista de diferentes áreas, surgem soluções que passam pela política pública e pela educação ambiental. Organizado por Sâmia Maria Tauk-Tornisielo, pesquisadora do Centro de Estudos Ambientais (Cea) da Unesp, localizado no campus de Rio Claro, e por José Carlos Esquierro, engenheiro e coordenador do programa ambiental "Aguamiga" de Piracicaba. A obra, realização da ONG Consórcio das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (Consórcio PCJ) juntamente com o Serviço Municipal de Água e Esgoto de Piracicaba (Sema), apresenta os estudos mais recentes sobre a situação do rio e as variáveis socioeconômicas que colocam em risco sua existência.

August Macke



Bacia do Rio Corumbataí: aspectos socioeconômicos e ambientais — Sâmia Maria Tauk-Tornisielo e José Carlos Esquierro (organizadores); 180 páginas; Consórcio PCJ; R\$ 35,00. Informações: (19) 3534-0122; seb@rc.unesp.br

Karl Schmidt Rotluff



Gênero e poder local — Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo; Humanitas e Fapesp; 334 páginas; R\$37,00. Informações: (11) 3091-2920, editorahumanitas@usp.br

Política

Eleições municipais

Docente do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília, Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo analisa as eleições municipais do ano 2000 em Marília com enfoque para a campanha das candidatas do sexo feminino ao Legislativo. Por meio de uma retrospectiva histórica, a pesquisadora busca entender melhor o papel da mulher na história local e o início de sua participação na política partidária. Consegue, assim, entender o porquê da dificuldade das mulheres em se elegerem nos pleitos eleitorais. Resgata, ainda, o papel político do movimento feminista e verifica como este influenciou a participação política das mulheres nos anos 1980, no período de redemocratização do País. Para isso, vale-se de obras acadêmicas e também de trabalhos elaborados por memorialistas cujo propósito era ressaltar os feitos e as qualidades dos homens da raça branca que, oficialmente, construíram a história da cidade.



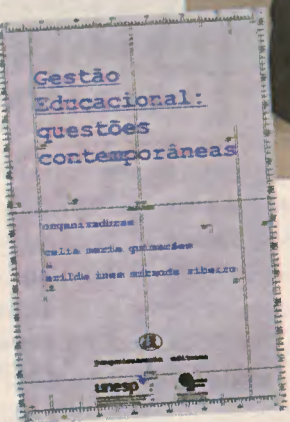
EDUCAÇÃO

Questões contemporâneas

As organizadoras, Célia Maria Guimarães e Arilda Ines Miranda Ribeiro, do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente, reúnem artigos de pesquisadores nacionais e estrangeiros sobre as principais questões educacionais contemporâneas. Os artigos discorrem sobre assuntos essenciais, como formação prática e organização curricular, assim como o processo de educação continuada e o papel dos gestores escolares. A democracia como um valor e a burocracia como realidade na gestão, numa visão influenciada por Max Weber, são motivos de estudo. O mesmo ocorre com a indisciplina na escola e a educação popular. São tratados assuntos que vão da educação infantil, com importantes reflexões sobre o envolvimento da família nessa fase do ensino, até a pós-graduação.

Gestão educacional: questões contemporâneas — Célio Mario Guimarães e Arilda Ines Miranda Ribeiro; Junqueira&Morin Editores e Fundacte — Fundação de Ciência, Tecnologia e Ensino do Unesp de Presidente Prudente; 256 páginas; R\$31,00. Informações: www.junqueiraemarin.com.br

Ernst Barlach



LITERATURA

Relatos fantasiosos

Este livro de contos do ex-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva (foto ao lado) é assinado sob o pseudônimo de Antonio Silva Michilim Filho, homenagem ao pai do docente da Unesp de São José do Rio Preto. A poética do livro se inicia com o próprio pseudônimo adotado por Antonio Manoel, cujo pai se chamava Antonio Silva (1905-1996), baiano que migrou inicialmente para Montes Claros, MG, e depois para o norte do Estado de São Paulo. Por vender pneus da marca Michelin num posto de gasolina em Pederneiras, SP, e por sua imagem física estar vinculada ao boneco dessa marca, ele era conhecido como Michilim, abasileiramento do nome da empresa francesa. Assim, Antonio Silva se tornou Antonio Silva Michilim Filho, nome adotado por Antonio Manoel dos Santos Filho para narrativas que enfatizam a brasilidade do ato de contar histórias, entendendo-o como um mergulho no prazer de envolver o leitor.



Elton Assumpção

A invasão de Mariana — Antonio Silva Michilim Filho; Edição do Autor; 228 páginas; R\$25,00. Informações: www.vitrineliterario.com.br; contato@vitrineliteraria.com.br



ODONTOLOGIA

Bases para diagnóstico

As odontologistas Maria Regina Sposto e Cláudia Maria Navarro, docentes da Faculdade de Odontologia (FO), campus de Araraquara, redigiram em parceria um capítulo do livro Estomatologia: bases do diagnóstico para o clínico geral, organizado por Sérgio Kignel, professor da Uniararas. A obra

Noélia Ipê



recebeu o Prêmio Jabuti 2008, láurea conferida pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria de Melhor Livro de Ciências Naturais e Ciências da Saúde. Professoras do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia, elas são responsáveis pelo capítulo "Aumento de Tecidos Moles na Boca". Exceto os dentes e ossos dos maxilares, que são estruturas duras ou calcificadas, os demais tecidos da boca são considerados moles. O aumento desse tecido, na maioria dos casos, decorre de reações traumáticas, geralmente o tipo de lesão mais comum. Pode ocorrer quando alguém morde a língua, bochechas ou lábios, considerados tecidos moles ou recobertos por eles.

Estomatologia: bases do diagnóstico para o clínico geral — Sérgio Kignel (organizador); Editoro Santos; 450 páginas; R\$220,00. Informações: www.editorosantos.com.br; (11) 5574-1200.



A magia da cozinha

Rosa Belluzzo percorre os prazeres da culinária paulista

O universo da culinária exige toda uma delicadeza em seu fazer e pensar. Saber apreciar um bom prato é uma arte, já que a cozinha é um amplo e denso espaço de comunicação com o mundo. Em *São Paulo: memória e sabor*, a cientista social Rosa Belluzzo se debruça sobre um sem-número de sutis práticas que integram a história da cozinha paulista.

A obra oferece 37 receitas, mas um de seus pontos de maior interesse, desenvolvido na primeira parte do livro, está no entorno delas. Pós-graduada em Cooperação Cultural Ibero-americana pela Universidade de Barcelona e pesquisadora na área de antropologia cultural e história da alimentação, a autora se debruça sobre as épocas e histórias que rodeiam e interferem na cozinha.

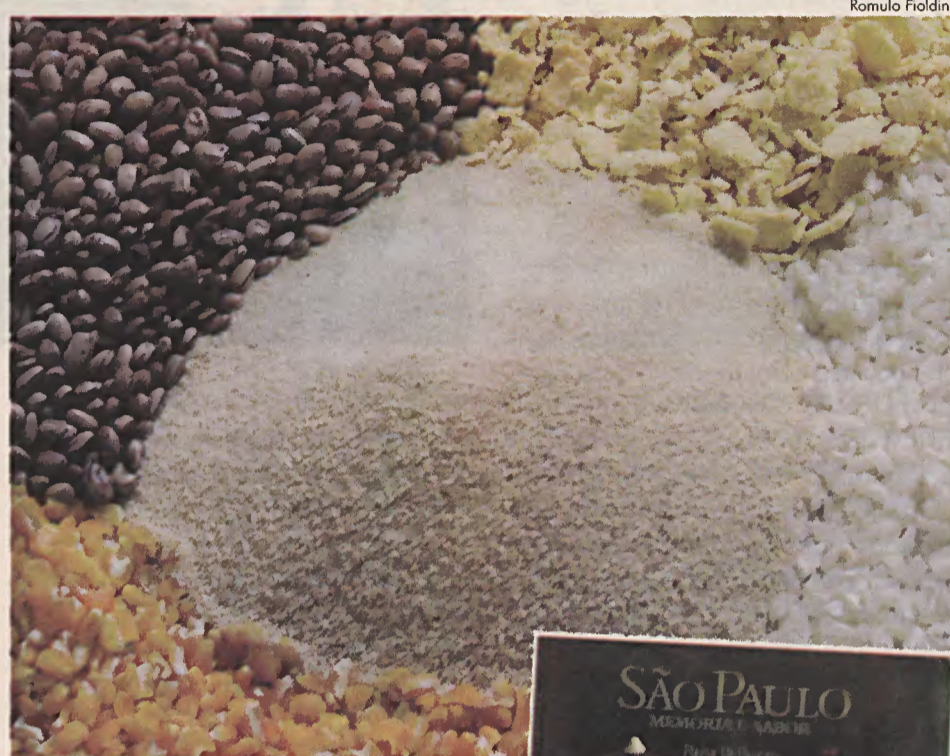
Informações antigas – Manuscritos e velhos livros de receitas familiares, modelos alimentares e situações históricas são enfocados, sendo o mais antigo um caderno redigido pela avó de Rosa, Hermelinda Pereira de Mello. Esse percurso pelo tempo permite retomar, por exemplo, informações como a de que os nativos que habitavam o planalto de Piratininga, nômades, coletavam alimentos silvestres, como pinhão e palmito e caçavam animais e aves.

Conta-se como a cozinha paulista, também conhecida como “cozinha caipira”, é “bastante simples, mas sa-

borosa”. Sua marca registrada seria a tradição bandeirista, na qual coexistem as influências indígena e portuguesa. Até o século XX, que trouxe a iluminação elétrica, os horários eram bem diferentes: almoço às 9 h; jantar às 14 h; e, às 20 h, era servido um chá trazido em grandes bandejas com toda a família em volta da mesa.

Entre as memórias registradas no livro, amplamente ilustrado, estão os lanches da tarde. Indispensáveis nas fazendas ou na cidade, eram a ocasião em que as sinhás podiam mostrar seus predicados preparando quitandas variadas, como bolinhos de chuva, biscoitinhos lua-de-mel, sequilhos, geléia de mocotó em taça, broinhas de fubá ou de amendoim, biscoito de polvilho, pão-de-ló e bolo de melado ou de fubá, sempre acompanhados de chá ou café.

Autora premiada – Vencedora do Prêmio Jabuti em 1999 pelo livro *Cozinha dos imigrantes – memórias e receitas* e do Gourmand World Cookbook Awards 2004 pela obra *Sabores da América – Cuba, Jamaica, Martinica e México*, constata que os pratos mais característicos da cozinha paulista, como o virado à paulista, o frango caipira ou recheado com farofa, o cuscuz, a canjica, o curau, a marmelada e a goiabada, as brevidades e o pudim paulicéia, estão desaparecendo (veja receitas nesta página).



Romulo Foldini

A autora valoriza em sua pesquisa os cadernos de receitas. Lembra que eles começaram a surgir no final do século XIX no Brasil, constituindo um importante testemunho das transformações das práticas culinárias de uma sociedade ou região. Sejam em forma manuscrita ou de livro, eles possibilitam a análise dos modelos alimentares de uma época, suas transformações históricas e o estabelecimento de diferenças das cozinhas regionais.

Oscar D'Ambrosio



São Paulo: memória e sabor – Rosa Belluzzo; Editora Unesp; 120 páginas; R\$ 70,00. Informações: www.editoraunesp.com.br ou (11) 3242-7171.

Receitas ameaçadas de extinção

Virado à Paulista

Ingredientes

500 g de feijão mulatinho, 2 folhas de louro, 100 g de toucinho em cubos, 1 cebola em cubinhos, 2 dentes de alho amassados, sal a gosto, ½ xícara (chá) de farinha de milho e óleo

Preparo

Colocar o feijão em uma panela coberta com água. Juntar o louro e cozinhar até que os grãos fiquem macios e inteiros. Escorrer o caldo do feijão e reservar 3 xícaras

(chá). Em uma panela, dourar o toucinho. Retirar com uma escumadeira e colocar em papel toalha. Na mesma panela, refogar a cebola e o alho. Juntar os grãos de feijão, o toucinho, o caldo, temperar com sal e misturar bem. Deixar cozinhar por alguns minutos e acrescentar aos poucos a farinha de milho, misturando continuamente com uma colher de pau até aparecer o fundo da panela. Servir com costelinhas de porco, lingüiça, ovos fritos e arroz.

Rendimento: 6 pessoas
Tempo: 2 horas

Romulo Foldini



Romulo Foldini



Pudim Paulicéia

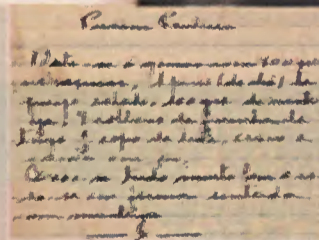
Receita: Tia Solange de Amorim Lima

Ingredientes

6 gemas, 200 g de açúcar, ½ xícara (chá) de queijo meia-cura ralado, 100 g de manteiga em temperatura ambiente, 4 colheres (sopa) rasas de farinha de trigo, ½ copo de leite, 1 colher (chá) de canela em pó, manteiga e açúcar para untar a forma

Preparo

Preaquecer o forno a 180°. Untar uma forma para pudim com manteiga e polvilhar com açúcar.



Colocar as gemas, o açúcar, o queijo, a manteiga, a farinha, o leite e a canela em pó em uma tigela, misturando todos os ingredientes muito bem. Despejar a massa na forma e levar para assar por cerca de 45 minutos. Levar à geladeira e desenformar depois de frio.

Rendimento: 6 pessoas
Tempo: 1 hora

Alunos de Bauru conquistam Prêmio Hot Wheels

Equipe projetou miniatura inspirada na mitologia grega

A equipe DsigN, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, formada pelos alunos Tiago Aiello Tomé de Souza, 21, Vinícius Barbosa Crepaldi, 21, e Carolina Vaitiekunas Pizarro, 26, quartanistas do curso de Graduação em Design, conquistou o primeiro lugar no concurso comemorativo de 40 anos da marca de carrinhos em miniatura Hot Wheels no Brasil, promovido pela filial brasileira da empresa Mattel.

Como premiação, a equipe campeã ganhou a oportunidade de realizar um projeto em tamanho real no chassi de um veículo da marca Fiat, modelo Punto, além de uma viagem à cidade de El Segundo, na Califórnia, EUA, para conhecer o Centro de Design da Mattel/Hot Wheels, responsável pela criação e construção de todas as miniaturas vendidas no mundo.

As regras do concurso solicitavam um projeto de produto que envolvesse



Modelo Ícaro, projetada pelo equipe premiada, ao lado do orientador Plácida (terceira da esq. para a dir.)

a cor azul e o elemento fogo, além de conceitos como personalidade, potência e originalidade para transformar-se em um Hot Wheels em tamanho real.

Com base nessas solicitações, a equipe vencedora idealizou o Ícaro, inspirado na mitologia grega, em que o personagem voa com suas asas de cera de encontro ao sol, por ter se encantado com o mesmo. Seu brilho e fogo fazem referência direta ao briefing solicitado pela organização do concurso.

Para alcançar o êxito, a equipe

DsigN competiu com mais de mil projetos realizados por alunos de faculdades de Desenho Industrial e Engenharia de todo o País. “Primeiramente os arquivos foram enviados de uma forma on-line e passaram pela avaliação do jurado responsável. Esta fase foi eliminatória e selecionou apenas dez projetos classificados para a final. Na fase final, o Ícaro foi o projeto campeão”, acrescenta a representante do grupo.

Segundo a aluna, a iniciativa para participar do projeto surgiu do inte-

resse da equipe no ramo automotivo e do incentivo do orientador do projeto, José Carlos Plácido da Silva, docente do Departamento de Desenho Industrial, da Faac. Ele relata que a conquista, anunciada em outubro, na capital paulista, é extremamente significativa para os alunos e para a Universidade. O projeto Ícaro será comercializado em 2009. “Será feita uma miniatura do Ícaro, comercializada nos EUA a partir do ano que vem e posteriormente aqui no Brasil”, finaliza o orientador.

Renato Coelho

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Estudantes chegam à final de competição mundial

Concurso sobre marketing foi criado pelo Grupo Santander

Um grupo de dez alunos do curso de Graduação em Relações Internacionais, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, câmpus de Franca, formou a única equipe brasileira a chegar à final do International Business Case Competition, uma das principais competições de projetos de marketing, realizada pelo banco Santander. A prova começou em fevereiro e se estendeu até agosto de 2008 e contou com a participação de inúmeras universidades de diferentes continentes.

“Foi um prêmio muito importante para nós, pois disputamos e supera-



Equipe de Franca superou mestres, doutores e especialistas

mos mestres, doutores e especialistas em marketing”, disse o quartanista Eduardo Lourenço Macagnani, 23 anos, representante do grupo.

Durante a competição, as equipes deveriam desenvolver um projeto, em power point, sobre como seria

o posicionamento da empresa em relação ao produto Carnê Universitário Santander, ou seja, serviços e benefícios que o banco oferece no relacionamento com universidades e universitários. Os trabalhos foram avaliados, analisados e votados pe-

los próprios gestores do banco, que já trabalham com o produto.

“O objetivo do concurso é tentar aproximar cada vez mais o grupo Santander das universidades e dos estudantes”, explicou Macagnani. “De maneira sutil e indireta, os promotores tentam agregar estudantes ao quadro de clientes do grupo, sem vincular obrigatoriamente a entidade estudantil com a instituição financeira.”

A equipe foi composta por Alyssa Cecilia Baracat, Conrado Ottoboni, Débora Rossi do Nascimento, Douglas Ferreira Santos, Eduardo Lourenço Macagnani, Evandro Careno, Jamile de Souza Benetti, Lucas de Castro Fonseca Melo, Marcelo Sampaio de Queiroz e Rafael de Oliveira Arantes.

Renato Coelho



Congresso sobre energia elétrica

Os organizadores da oitava edição do Congresso Latino-Americano de Geração e Transmissão de Energia Elétrica (Clagtee), que ocorre em Ubatuba (SP), de 18 a 22 de outubro, recebem resumos de trabalhos até 15 de abril. Presidido por José Luz Silveira, docente da Faculdade de Engenharia, câmpus de Guaratinguetá, o evento tem organização da Unesp, da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (Chile) e da Universidade Nacional de Mar del Plata (Argentina).

O evento busca intensificar trocas de experiências sobre a metodologia de análise de operação, planejamento e introdução de novas tecnologias que possam contribuir para a melhoria da geração e dos sistemas de transmissão de energia elétrica. "A demanda crescente por energia elétrica nos países da América Latina exige uma maior qualidade nos serviços e eficiência na área de operações", comenta Luz.

Informações: www.feg.unesp.br/clagtee; clagtee@fg.unesp.br ou jcagnon@feb.unesp.br

1º a 7/03 - Botucatu. Expedição Integroção Lovouro-Pecuário e Sistema de Plantaia Direta. Informações: http://fepaf.org.br/Cant_Default.aspx?curso=220

2 a 7/03 - Presidente Prudente. Recepção de navas alunas da FCT. Na câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br

4 a 27/03 - Araraquara. Cursa (segundo parte): Matrizes e Farças Matrizes na Anatomia nas Situações de Vialência. Todas os quartas, quintas e sextas, das 19h30 às 22 h, na sala 88. Inscrições: 12/01 até 05/02. Informações: saepe@fclar.unesp.br, ou http://www.fclar.unesp.br/extensao/inscricoes_on_line.php?id=extensao

6/03 - Presidente Prudente. Defesa de Dissertação de Mestrado na Área de Educação: "Cancepções de adolescentes sobre a escala: da risca à prateada", de Luciene da Sontos Camarga. Na anfiteatro I às 14 h. Informações: Márcia, (18) 3229-5352.

11/03 a 13/03 - 4º Encantra Confinamento: Gestão Técnico e Ecanômica. Informações: Setor de Eventos - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.com.br, eventas@funep.fcov.unesp.br

14/03 - Botucatu. Jornodo Científica sobre Alergia a Lótex - Atendimento ao Paciente Cirúrgico Partodar de Anafilaxia a Lótex. As 9 h, na Unimed de Botucatu. Informações: (14) 3815-1496, www.dautaraelione.com.br

16/03 a 10/06 - Cursa Semestral de Inglês e Espanhol. Informações: Setar de Eventos - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.com.br, eventas@funep.fcav.unesp.br

19/03 - Sorocaba. Calaçã de Grau Festiva da segundo turma dos farmandos das cursas de Engenharia Ambiental e Engenharia de Cantrale e Autamaçã. Informações: (15) 3238-3401 ou amondo@saracaba.unesp.br

24/03 a 21/05 - Análise Explaratória de Dadas (Estatística Multivoriado). Informações: Setor de Eventos - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.com.br, eventos@funep.fcov.unesp.br

25/03 a 27/03 - III Curso de Tratomenta Damissanitária. Informações: Setar de Eventos - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.com.br, eventas@funep.fcov.unesp.br

25 a 27/03 - Botucatu. I Simpásio Internacianal em Estratégias de Mercada na Agranegácia. Informações: http://fepaf.org.br/Cant_Default.aspx?curso=215

26/03 a 21/05 - Presidente Prudente. Prajeta Intercursas 2009 - Jagas de Futebol de Solãa cam todas as cursas da FCT. Na câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br

28/03 a 20/06 - São Paulo. Curso de extensão universitária: Música, Juventude e Político na América Latina. No auditória da Anexa das Congressistas. Inscrições: 09/02 a 20/03, das 10 h às 18 h. Informações: www.memarial.sp.gov.br

30/03 a 1º/04 - Capocitação Técnica em Produçã de Açúcar. Informações: Setar de Eventos - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.com.br, eventas@funep.fcav.unesp.br

Informações para esta agenda: fabianam@reitoria.unesp.br



Desafios e trabalho responsável

Sem título, Lyonel Feinginger



No dia de sua posse, em 14 de janeiro, o reitor Herman Jacobus Cornelis Voorwald publicou parte de seu discurso na grande imprensa (*Folha de S. Paulo*, Opinião, p. 3). O artigo "O desafio da universidade pública brasileira" demonstra com informações sólidas e precisas o seu pleno conhecimento da complexidade do ensino público no Brasil e sua disposição de enfrentamento das dificuldades para avançar institucionalmente nos próximos anos.

Realmente, impressionam os dados analisados no artigo. Nos últimos anos (Censo de 2006), transformando profundamente o quadro majoritário das vagas no ensino público superior, as instituições privadas passaram a deter ¾ dos quase cinco milhões de estudantes matriculados no ensino superior brasileiro. Não é o caso de competir em números, mas atender ao menos parte considerável da demanda e, sobretudo, difundir o padrão de qualidade. Problema fundamental a resolver, alguns entendem que o aumento das vagas na universidade pública prejudica o aprimoramento da pesquisa.

Opiniões divergentes foram veiculadas, apontando, por ocasião dos 75 anos da USP, um decréscimo em sua produção científica, atribuindo-o ao significativo aumento no número de vagas na graduação (V. 'matéria no Cotidiano da *Folha* de 25 de janeiro), aumento, aliás, realizado nas três universidades públicas do Estado de São Paulo.

Outros procuram demonstrar um aumento compensador na publicação de artigos indexados, fruto da pesquisa na carreira docente e na pós-graduação. Por essas questões colocadas em discussão, pode-se observar a magnitude do problema que se coloca entre o atendimento da demanda social por formação profissional e a produção científica.

Nosso reitor deixa bastante clara sua posição de cientista e educador. Na fala da cerimônia de posse, focalizando mais de perto a Unesp, leva em conta o processo de formação das 33 unidades nas 23 cidades

do Estado, assumindo nossa história (*Jornal Unesp* nº 241, p. 16). Nesse processo conseguiu-se o nível de excelência unespiana graças à dedicação e ao trabalho de cada um. No planejamento de médio e longo prazo feito sob sua coordenação, a ser submetido ao Conselho Universitário para aprovação final, a Unesp almeja avançar estrategicamente, inclusive em busca de maior reconhecimento internacional.

Sabe-se que para aperfeiçoar a produção científica no País, conforme ainda assinala o reitor Herman no artigo acima citado, é necessário que se ultrapasse, no Brasil, o pouco mais de 1% do PIB, como em países mais desenvolvidos, todos com investimento em ciência e tecnologia acima de 2%. Por outro lado, o modelo paulista de autonomia universitária pode ser lido com aprovação do Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 2/2/2009, p. A2. Os 9,57% do ICMS, porém, podem ser pouco estimulantes ao crescimento das estaduais, por força da crise econômica mundial que já atinge o Brasil e que tende a aumentar.

A comunidade unespiana deve, não obstante, assumir suas responsabilidades, arregaçar as mangas e partir, de forma unida, para o trabalho científico-docente e cidadão. Estaremos todos, assim, ao lado das bem fundamentadas intenções do reitor e sua equipe, concordando, discutindo ou sugerindo outras propostas, para novos avanços institucionais nos quadros da universidade brasileira e do mundo desenvolvido.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Vice-reitor: Julio Cezar Durigan
Chefe de Gabinete: Carlos Antonio Gamero
Prá-reitor de Administração: Ricardo Samih Georges Abi Rached
Prá-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Prá-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Prá-reitor de Pesquisa: Maria José Soares Mendes Giannini
Prá-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretária-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Assessor de Planejamento e Orçamenta: Trajano Pires da Nóbrega Neto
Assessor de Relações Externas: José Celso Freire Junior
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa: Maurício Tuffani
Assessor-chefe da Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
Assessor-chefe da Assessoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessor Especial de Planejamento Estratégica: Rogério Luiz Buccelli
Diretores/Coordenadores-executivos dos Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Sandro Roberto Valentim (FCF-Araraquara), José Claudio Martins Segalla (FO-Araraquara), José Luis Bizelli (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Mário Sérgio Vasconcelos (FCL-Assis), Roberto Deganutti (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru),

Edivaldo Domingues Velini (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Renato Eugênio da Silva Diniz (IB-Botucatu), Luis Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Draçena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Júlio Santana Antunes (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FCAV-Jaboticabal), Mariângela Spotti Lopes Fujita (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Antonio Carlos Simões Pião (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custódio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), Marcos Fernandes Pupo Nogueira (IA-São Paulo), Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Gessuir Pigatto (Tupã).



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt

Jornal unesp

Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Daniel Patire, Danilo Koga, Dênio Maués, Genira Chagas, Giovana Girardi, Igor Zolnerkevic, Julio Zanella, Maristela Garmes e Renato Coelho
Promoção Visual: RS PRESS Editora
Edição de arte: Sidney João de Oliveira (RS PRESS)
Diagramação: Leonardo Fial (RS PRESS)
Colaborador nesta edição: Eliana Assumpção, Lúcio Flávio O. Luiz, Ricardo B. Labastier e W. Carneiro (fotografia); Fabiana Manfrim (texto)
Produção: Mara Regina Marcato
Apoio Administrativo: Thiago Henrique Lúcio
Revisão: Maria Luiza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 25.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda

Livro mapeia barroco brasileiro

Docente do Instituto de Artes apresenta 80 igrejas de todo o país

O universo da arte barroca brasileira é pleno de encantos. O que se observa em cada igreja não é somente um magnífico mundo imagético. Cada edificação está plena de mistérios e o pesquisador Percival Tirapeli, docente do Instituto de Artes, desenvolveu um olhar para conhecê-los, divulgá-los, seja em suas aulas e palestras ou na forma de livros. *Igrejas barrocas do Brasil* (Metalivros; 336 páginas; R\$180,00), lançado em dezembro último, é uma prova disso.

As edificações religiosas brasileiras são tratadas de maneira diferenciada, num volume alentado, com mais de 360 fotografias, a maior parte inéditas, de oito profissionais. Há ainda os cliques do alemão Günter Heil, realizados na década de 1980. O que elas têm em comum é a busca, comandada pelo autor do livro, de imagens que valorizam fachadas e detalhes internos das igrejas em benefício da informação visual e plástica, no sentido de oferecer ao leitor um panorama amplo e claro da estética barroca no Brasil.

Para a realização desta obra, Tirapeli visitou e pesquisou mais de 80 igrejas entre novembro de 2007 e julho de 2008, acompanhando e orientando o olhar dos fotógrafos. Nesse sentido, algumas imagens foram feitas por profissionais com atributos muito especiais.

Especialistas – É o que aconteceu com as imagens das igrejas do Rio de Janeiro, realizadas por um especialista em fotografias de cavernas, Ricardo Siqueira. Ele enfrentou o desafio de lidar com a falta de luz, algo muito comum em igrejas rodeadas por edifícios ou em outras condições que reduzem a entrada de luz, como a Igreja São Lourenço dos Índios (1627-1769), em Niterói (*veja foto nesta página*).

Ao todo, o livro, em edição bilíngüe, português e inglês, traz dados da história, arquitetura e ornamentação de igrejas preservadas nas regiões Nordeste, Norte e Sudeste. Realiza-se, assim, um percurso de 350 anos de história da arte barroca no País, no mais completo registro desse patrimônio realizado até o presente momento.

O texto, ao contrário do que costuma acontecer com algumas publicações do gênero, não se perde em divagações subjetivas sobre a grandiosidade e as belezas desse patrimônio, mas oferece dados descritivos e analíticos com a linguagem precisa de um especialista no tema, que valoriza a história dessas edificações.

Dados precisos – Tirapeli registra atentamente os nomes de artistas, pintores e entalhadores dos



1- Mestre Ataíde, pintura da capela-mar, 1811. Matriz de Santa Antônia, Itaverava, Minas Gerais (1752-1794);
2- Assunção da Virgem. Retábulo-mar e pinturas parietais. Igreja de São Lourenço das Índias, Niterói, Rio de Janeiro (1627-1769);
3- Aleijadinho, altar lateral, c. 1770. Igreja de Nossa Senhora da Rasária, Santa Rita Durão, distrito de Mariana, Minas Gerais (século XVIII)

altares das igrejas. Mostra, por exemplo, o primeiro altar feito por Aleijadinho, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (século XVIII), em Santa Rita Durão, distrito de Mariana, MG (*veja foto nesta página*). Quem guarda as chaves dessa preciosidade é uma moradora local. É necessário encontrá-la em casa ou no templo para se ter acesso à igreja.

Um diferencial da publicação é que ela não se limita às igrejas mais célebres. Por um lado, estão templos obrigatórios, como os de Ouro Preto (MG), onde está a nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (1730), elaborada por Antônio Francisco Pombal, e o medalhão esculpido por Aleijadinho em 1774 na fachada da Igreja de São Francisco de Assis da Penitência. Esse templo preserva ain-

da o forro com a clássica pintura de mestre Ataíde, feita em 1801.

Uma visita igualmente obrigatória é o Santuário Bom Jesus de Matosinhos (1757-1805), em Congonhas do Campo (MG), famoso pelas esculturas dos profetas no adro. A portada de pedra sabão no inovador estilo rococó, por sua vez, marcou a ruptura com a arte lusa e o nascimento de uma legítima expressão da arte brasileira.

Divulgação – Por outro lado, Tirapeli teve a preocupação de trazer à tona locais pouco visitados por turistas ou caracterizados pela falta de apuração de dados ou de esclarecimento de valores estilísticos e históricos. Esse é o caso da Igreja de Santo Antônio, na pequena Itaverava, MG (*veja foto nesta página*).

Realizada entre 1752-1794, possui lindas pinturas do Mestre Ataíde, um dos maiores expoentes do barroco brasileiro, e é praticamente desconhecida devido ao difícil acesso. Trata-se de uma obra com decoração completa, fato raro e somente presente em monumentos em Ouro Preto ou São João Del-Rei.

O livro apresenta ainda uma relação atualizada de museus de arte sacra no País que raramente constam em pesquisas e que registram pouca visitação. Trata-se, no conjunto, do resultado de uma experiência do docente de mais de 20 anos em ministrar aulas e cursos de extensão universitária, como o Barroco Memória Viva, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e em cidades históricas de Minas Gerais.

Oscar D'Ambrosio